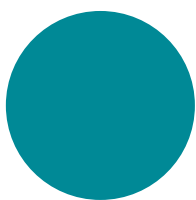


gazeta Valsassina

março 2015 . n58



**Experimentar,
compreender,
descobrir...**



Índice

Editorial	1
Resolver os problemas pensando e ensaiando	2
E quando os desafios não têm “receitas”?	3
Aprendizagem baseada na resolução de problemas	4
Trabalho investigativo no ensino das ciências: o insustentável peso do controlo de variáveis	6
Experimentar, descobrir... A importância dos primeiros anos de escola	8
Observar e experimentar... in loco. A importância das saídas de campo	10
O poder secreto da narração oral	12
Ler para crescer	14
Entrevista com escritor João Rebocho Pais	16
Entrevista com Sofia Santos. Crescimento Verde: desafios e perspectivas	18
Futuro e a Economia Verde	20
Jardins Zoológicos: Educar para conservar	22
Experimentar, compreender, descobrir...	24
Perder o medo de desenhar	26
A Tolerância	28
Xenophobia Today	30
Estudar num espaço Quinta	32
Travalinguas	34
Malala	35
Educar para a escrita e criatividade	36
Um dia na Lisboa das Descobertas	37
Educar para a memória e para a Paz	38
Parlamento dos Jovens	40
Fórum de Orientação Vocacional	42
Quadro de Honra 3ºP 2013/2014	44
Alunos do Valsassina selecionados para o Encontro de Biotecnologia para jovens	46
Aluno do Valsassina foi o grande vencedor do concurso da Fundação Calouste Gulbenkian –Dá Voz à Letra	46
Prémios Lions Club	46
Colégio em ação...	47
Aconteceu...	49
Aconteceu no desporto...	51

FICHA TÉCNICA

Fundadores **Frederico Valsassina Heitor**
Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Diretor **João Valsassina Heitor**
Diretor Editorial **João Gomes**
Projeto Gráfico e Paginação **Sandra Afonso**
Impressão **IDG - Imagem Digital Gráfica**
Propriedade **Colégio Valsassina**
Tiragem 1400 exemplares

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas 1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

editorial

João Valsassina Heitor Diretor pedagógico

À medida que nos aproximamos da segunda década do séc XXI mais se torna visível a necessidade de uma reformulação do projeto educativo, reforçando as vertentes prática e experimental do conhecimento, estimulando o ensino pela descoberta e pela partilha, bem como o gosto pela investigação, não descurando, nunca, a formação humana dos nossos alunos e a consequente necessidade de transmissão de valores.

Tal como consta do nosso Projeto Educativo, desenvolvemos, na Dimensão Académica, o domínio da experiência da seguinte forma:

“O grande objectivo no domínio da experiência é aprender a aprender, isto é, reflectir sobre o próprio processo da aprendizagem através da observação direta, da manipulação de objetos e instrumentos, do contacto com pessoas, instituições e manifestações de carácter diversificado, que contemplam as várias áreas da actividade humana e conduzem à reflexão sobre os valores.

Por isso, desde cedo, os nossos alunos são habituados não só a saber, mas essencialmente a ver e a saber fazer, tomando contacto com a realidade, bem como a desenvolver o gosto pela descoberta.

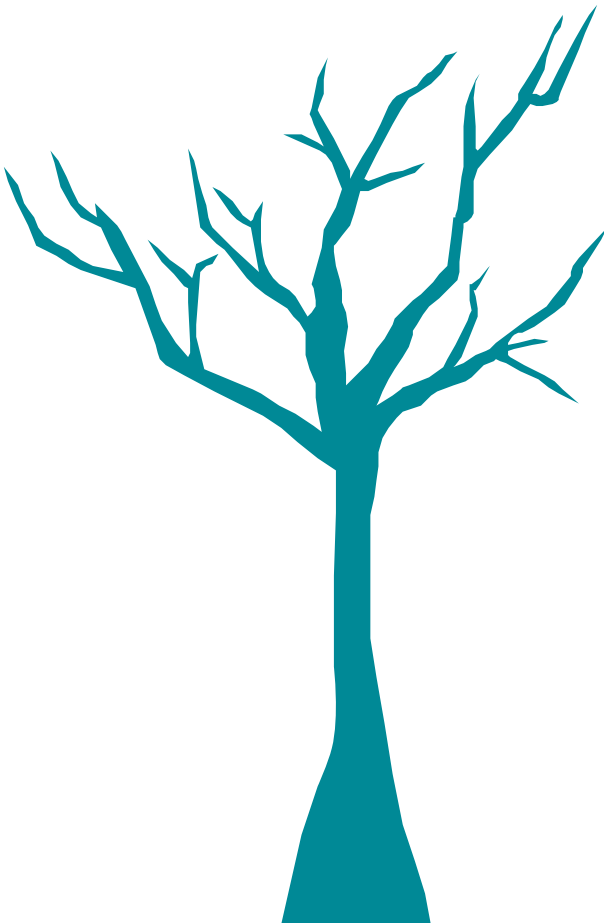
Logo no Jardim de Infância é dada uma especial atenção ao desenvolvimento social e emocional das crianças. O espaço-quinta proporciona às nossas crianças um contacto direto com a natureza o que permite a atividade física tão fundamental numa educação para a saúde e para o bem estar. Elas são levadas a experimentar cheiros, texturas e a partilharem sensações e emoções com as outras crianças, com as Educadoras e em trabalhos de projeto com os próprios Pais.

Ao longo do ensino básico e secundário, temos vindo a caminhar, cada vez mais, para um reforço do ensino experimental das Ciências, para um ensino verdadeiramente artístico e criativo das artes, assim como para um ensino de descoberta e de pesquisa, quer em sala de aula, quer em trabalhos de projeto realizados em casa. A partilha entre alunos e a participação dos Pais em atividades em vários projetos é já hoje uma realidade.

As novas tecnologias e o acesso à internet vieram alterar as condições de aprendizagem e até de motivação dos alunos. Hoje os nossos jovens têm grande facilidade de acesso a informação. Cabe-nos adaptarmos o processo ensino-aprendizagem a esta nova realidade. O ensino meramente expositivo e mais tradicional tem vindo a ser substituído por um ensino mais cooperativo e partilhado, em que o professor aparece mais como facilitador, motivador e coordenador da investigação que o aluno faz.

É isso que temos vindo a fazer nos últimos anos e que iremos continuar a aprofundar, através da introdução de uma outra forma de ensinar, de transmitir os conhecimentos, de formar os nossos alunos. As estratégias que utilizamos na sala de aula têm vindo a ser adaptadas aos novos desafios sendo mais criativas, mais interativas e atrativas para os alunos.

Este número da Gazeta mostra esta nova abordagem através da apresentação de vários trabalhos e projetos que foram desenvolvidos por alunos desde o Jardim de Infância até ao secundário.



em destaque **Resolver os problemas pensando e ensaiando**

“Desafiem-se a manter uma mente aberta e activa para experimentar e aprender algo novo todos os dias e verão que as vossas vidas serão mais ricas.”



David Cruz Engenheiro Aeroespacial. Pai de um aluno de 3 anos

O processo de aprendizagem no ser humano é um evento fascinante! Nunca deixa de me surpreender a forma como o nosso cérebro processa informação e especialmente como reage quando confrontado com novas experiências.

Neste âmbito, permito-me partilhar três pequenas histórias que creio ilustrarem diferentes vertentes do processo de aprendizagem.

A primeira vem de um livro que me marcou profundamente. Em certo momento, o autor conta como por volta dos seus 12 anos, motivado pela sua enorme curiosidade, começou a reparar rádios. Após alguma pesquisa descobriu os princípios fundamentais e foi ensaiando e reparando até obter resultados satisfatórios. A certo ponto, já tendo ganho alguma reputação, foi-lhe pedido por um conhecido para tentar reparar um rádio que fazia barulho ao arrancar. Ele deparou-se com um problema novo e não vendo imediatamente a causa pôs-se a deambular enquanto tentava perceber qual seria a causa. Ao ser interpelado acerca da razão pela qual andava de trás para a frente e não reparava o rádio, ele respondeu “Estou a pensar!”. Após ter finalmente reparado o rádio, rapidamente se espalhou pelas redondezas a história do rapaz que arranjava rádios a pensar.

A segunda ocorreu num estágio de Karate ministrado por um mestre japonês, idoso e franzino. Ao ver-me fazer uma defesa de forma incorrecta, instou-me a atacá-lo com toda a determinação. Ao investir contra uma pessoa manifestamente mais frágil e bastante mais idosa, fui projectado pela defesa que foi aplicada de forma serena e tranquila. Mas a grande diferença veio de “sentir” a forma como a defesa foi feita e ganhar uma percepção que permitiu através da prática e repetição reproduzir os efeitos contra outros parceiros de treino.

Por fim, numa das primeiras aulas de Física que tive na universidade, a professora mostrou-nos o que descreveu como “uma fotografia a cores da nossa galáxia vista de baixo”. Perante o silêncio da turma desafiou-nos a encontrar todas as falhas da afirmação que fizera. Como é que se tira uma fotografia de baixo? Como é que se tira uma fotografia de todo (ainda para mais a cores)? Só ao pensar que teríamos de ter enviado um equipamento fotográfico para percorrer vários milhares de anos-luz e depois receber essa imagem de volta nos apercebemos do ridículo da afirmação.

Estas três histórias ilustram princípios muito básicos. Há várias ilações a retirar, conforme o nível de reflexão que lhes dedicarmos. No entanto, considerem os seguintes aspectos:

- Não há limites para o que podemos fazer se usarmos o raciocínio;
- Só através da vivência das experiências conseguimos adquirir uma compreensão mais profunda dos fenómenos;
- O espírito crítico/inquisitivo é essencial e devemos fazer uso dele permanentemente, mesmo (especialmente) com aqueles que consideramos nossos mentores.

Por último, deixo então um repto: lembrem-se que toda a gente morre, mas nem toda a gente vive. Desafiem-se a manter uma mente aberta e activa para experimentar e aprender algo novo todos os dias e verão que as vossas vidas serão mais ricas, tal como as dos que vos rodeiam.

¹Feynman, Richard P. (1998) Está a brincar Sr. Feynman! Gradiva Publicações, Lda



"Nas aulas de Ciências Naturais, estivemos a realizar várias experiências. Eu acho que estas experiências são muito úteis para a nossa aprendizagem pois, assim conseguimos perceber como tudo acontece e também nos permitiu perceber melhor os vulcões, as suas características e ações. Estas atividades são muito atrativas pois conseguimos simular tudo o que aconteceu, utilizando materiais simples. Acho que devemos continuar pois é uma forma de aprendizagem divertida, intuitiva e com muita intervenção dos alunos.

Leonor Paim 7°C

Abd-El-Khalick, F., Waters, M., & Le, A.-P. (2008). Representations of nature of science in high school Chemistry textbooks over the past four decades. *Journal of Research in Science Teaching*, 45 (7), 835-855.

Lederman, N. G. (2004). Syntax of nature of science within inquiry and science instruction. In L. B. Flick & N. G. Lederman (Eds.), *Scientific inquiry and nature of science*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 301-317.

McComas, W., Clough, M., & Almazroa, H. (1998). The Role and Character of the Nature of Science in Science Education. In W. McComas (Ed.), *The Nature of Science in Science Education*. Dordrecht: Springer Netherlands, 3-39. doi:10.1007/0-306-47215-5_1

E quando os desafios não têm “receitas”?

Andreia Luz. Professora de Ciências Naturais. Doutoranda em Didática das Ciências.

“Professora já está! A nossa falha está igual ao livro!”

“Não conseguimos fazer uma falha normal, porquê?!”

“Conseguimos! A dobra está feita!”

“Aiii, pode chegar aqui? A nossa dobra estragou-se... pode ver o que fizemos mal?”

É sexta à tarde e após a escrita do sumário o laboratório o transforma-se, desta feita num “aglomerado de forças tectónicas” que tentam dobrar e quebrar camadas de plasticina sobrepostas e barras de sabão azul e branco, respetivamente. Os alunos do 7º ano estão numa aula de Ciências Naturais a estudar Geologia, mais especificamente o Geodinamismo do nosso planeta.

O desafio era simples “a receita” (protocolo da atividade prática) estava no livro e com a ajuda do conhecimento já adquirido, nas aulas passadas, seria só segui-la. Desde o início era importante alertá-los para o facto de que as atividades práticas/ experimentais são apenas recriações da realidade e como tal têm imperfeições, não sendo totalmente fiéis aos fenómenos naturais que ocorrem na geosfera, há que perceber no que diferem do mundo real.

Após entenderem porque cortaram o sabão, “aplicaram” forças compressivas, obtendo uma falha inversa, passaram para a simulação de uma falha normal...e aí começaram as primeiras dificuldades. Um a um, os grupos solicitavam a minha presença e iam resolvendo o problema. Na maior parte das vezes conseguiram chegar à resolução somente com uma ou duas questões que levantei. Mais uma vez perceberam que para recriar estes fenómenos geológicos há que usar a criatividade e principalmente ser o mais preciso possível.

Por fim, chega o passo que todos esperavam, a plasticina! Mas a tarefa, que à partida seria executada com facilidade, a sobreposição de três camadas, e posterior aplicação de tensões compressivas, em dois dos grupos não correu como o esperado: a última camada de plasticina fratura-se. “O que fazer?” Peço à turma que reflita sobre o que aconteceu e as explicações começam a surgir, primeiro de forma mais empírica e depois mais científica: a resposta surge num grupo. **Aquilo que ao início parecia um erro do procedimento revela-se numa oportunidade para compreender os fenómenos geológicos: mais uma aprendizagem na bagagem!**

Os alunos perceberam in loco as diferentes propriedades das várias marcas de plasticina utilizadas e conseguiram extrapolar para as diferenças que encontramos nas rochas da geosfera. Os dois grupos acabam a atividade exibindo a suas fantásticas “dobras falhadas”. Chega a parte final para todos: registar e sistematizar as observações no caderno diário, assim como as conclusões a que chegaram.

É importante levar os alunos a entender que mesmo quando têm um protocolo experimental ele tem que ser analisado e criticado de acordo com o objeto de estudo, até porque a ciência não se faz somente com base em “receitas”, não há um único método científico (Abd-El-Khalick, et al., 2008; Lerman 2004; McComas et al., 1998). O percurso que é feito para chegar a resultados válidos pode ter vários caminhos, não há uma só sequência para as atividades práticas (Abd-El-Khalick, et al., 2008).

Presentemente, os investigadores na área educacional ressaltam cada vez mais a importância de mostrar aos alunos que o conhecimento científico não é construído a partir de um método rígido, ele é mutável e acompanha a evolução da tecnologia e da sociedade.

em destaque **Aprendizagem baseada na resolução de problemas**

João Gomes Coordenador do Departamento de Biologia

“Ensinar é (...) ainda mais difícil do que aprender. (...) porque é que ensinar é mais difícil do que aprender? Não se trata de que aquele que ensina deve possuir uma maior soma de conhecimentos e tê-los sempre disponíveis. Ensinar é mais difícil de aprender porque ensinar quer dizer “fazer aprender”. Aquele que verdadeiramente ensina não faz mesmo outra coisa senão aprender”.

Martin Heidegger



Como posso construir o número 10 utilizando as barras do Cuisenaire? (jardim de infância)

Qual é a influência da luz na germinação das sementes? (3º ano)

O que acontece quando se aplica uma forma compressiva em rochas? (7º ano)

Qual é o nível de poluição de um troço de rio? (8º ano)

Qual é a influência de drogas do uso comum no ritmo cardíaco de *Daphnia magna*? (9º ano)

Estas são algumas perguntas que os alunos procuram encontrar resposta ao longo do ensino básico e secundário em disciplinas como Matemática, Estudo do Meio, Ciências Naturais, Biologia, Física e Química. Pretende-se que os alunos se assumam como profissionais, confrontando-se com os problemas à medida que eles ocorrem, com informação pouco estruturada e a necessidade de determinar a melhor solução possível. Esta é a forma como engenheiros, médicos e, também, professores, abordam a resolução de problemas, contrariamente ao que se verifica em muitas salas de aula, onde os professores são “sábios em palco” e orientam os alunos na busca de soluções perfeitas.

Aprendizagem Baseada na Resolução de Problemas (ABRP) é um modelo de ensino-aprendizagem que reconhece a necessidade de desenvolver competências de resolução de problemas e de ajudar os alunos na aquisição dos conhecimentos e competências essenciais. Este modelo recorre a problemas reais, não ao estudo de casos hipotéticos com resultados perfeitos e convergentes. Estes problemas surgem no início do processo de ensino e aprendizagem. Estes caracterizam-se por serem abertos (o processo de resolução e a solução não são do conhecimento dos alunos) e formulados a partir de situações reais e complexas.

É enfrentando esses problemas reais que os alunos aprendem conteúdos e desenvolvem competências de pensamento crítico (*critical thinking skills*).

A ABRP tem várias características que a definem enquanto modelo de desenvolvimento do currículo:

1. Os problemas conduzem o currículo – os problemas não testam competências, apoiam o seu desenvolvimento.
2. Os problemas estão realmente pouco estruturados – não se pretende que haja uma só solução e, quando, ao longo do processo, se reúne nova informação, a percepção do problema e, conseqüentemente, a sua solução, alteram-se.
3. Os alunos resolvem os problemas – os professores são uma espécie de “facilitadores”.
4. Aos alunos são dadas linhas orientadoras para abordarem os problemas – não existe uma fórmula para o fazer.
5. A avaliação é autêntica (contextualizada e integrada nas actividades de aprendizagem) e baseada no desempenho.

Este modelo ajuda os alunos a resolver problemas através de um processo em que lidam continuamente com o mesmo tipo de problemas pouco estruturados com os quais se confrontam adultos ou profissionais. Assim, a ABRP forma alunos que são capazes de:

- Definir um problema com clareza
- Desenvolver hipóteses alternativas
- Aceder a, avaliar e utilizar informação de fontes diversas
- Alterar hipóteses com base em nova informação
- Encontrar soluções que correspondam ao problema e respectivas condições, com base na informação obtida e num raciocínio claramente expresso.



Nas aulas de Ciências apesar de protocolos e regras restritas, é-nos pedido um nível de autonomia e responsabilidade elevado. A turma do 9º ano está a realizar o Projeto Daphnia onde nos é pedido que analisemos o ritmo cardíaco das Daphnias perante drogas sociais. Durante a atividade experimental o grupo responsabiliza-se por tudo, desde a limpeza dos aquários, ao que acontece com o equipamento e material assim como pelas Daphnias.
Hugo Oliveira. 9ºD

A ABRP assenta em princípios educacionais actuais como o sócio-construtivismo, auto-regulação da aprendizagem, trabalho colaborativo e aprendizagem contextualizada (Dolmans et al., 2005 in Guerra e Vasconcelos, 2009). Assim, ao longo das etapas da ABRP, os alunos desenvolvem competências de diferentes tipos (cognitivas, atitudinais, procedimentais, de comunicação) e mobilizam, integram e aplicam conhecimentos prévios e recém construídos com vista à resolução do problema e apresentação de possíveis propostas de solução. Os processos de ensino e aprendizagem são centrados no aluno, pois este é co-construtor do seu conhecimento e auto-regulador. O aluno é o responsável, o explorador e o produtor da sua aprendizagem, em vez de consumidor passivo das metodologias mais tradicionais e behavioristas (Guerra e Vasconcelos, 2009).

Os currículos atuais de Ciências dão muita relevância à realização de atividades de investigação e resolução de problemas reais e do quotidiano dos alunos, à promoção do desenvolvimento de competências de relacionamento interpessoal, à construção do conhecimento como um processo simultaneamente pessoal e social e à promoção de atitudes de questionamento sobre temas do quotidiano. Por exemplo, pela análise do Currículo Nacional do Ensino Básico, merece destaque à referência de que “tão importante como a definição de uma matriz de aprendizagens, é o modo como essas aprendizagens são desenvolvidas. A tónica não deve ser posta apenas na extensão e nos conteúdos dos programas, mas no modo como se gere um currículo”.

Neste cenário, o professor atua como facilitador ou guia do processo de aprendizagem. Compete ao professor promover, nomeadamente, a comunicação metacognitiva, ajudando os alunos a colocar questões, para melhor compreenderem a natureza do problema e conseguirem chegar a possíveis soluções. Ao longo do processo valoriza-se e promove-se a criatividade e o pensamento divergente. **Este, olha para o problema, analisando todas as possibilidades e procurando o melhor caminho para chegar à melhor solução para o problema.**

No final das contas, os problemas funcionam simultaneamente de organizadores e de estímulo à aprendizagem.

Por tudo isto, a capacidade de resolução de problemas é a chave para o desenvolvimento da literacia científica.

“Os processos de ensino e aprendizagem são centrados no aluno, pois este é co-construtor do seu conhecimento e auto-regulador.”



em destaque Trabalho investigativo no ensino das ciências: o insustentável peso do controlo de variáveis

Paula Serra. Escola Secundária de Vergílio Ferreira, Lisboa e UIDEF, Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa.

Há uma linha indelével, feita de uma matéria desconhecida, mas espantosamente resistente, que separa o mundo dos didatas das ciências do mundo dos professores. Caminho, há décadas, sobre essa linha (em difícil equilíbrio), ora lendo e investigando sobre o ensino das ciências, ora pondo as mãos na massa, em salas de aula repletas de adolescentes buliçosos. E o que vejo, de um lado e de outro?

De um lado, os didatas defendem, desde os anos 60 do Séc. XX (para não ir mais longe), que os professores devem desenvolver trabalhos práticos que aproximem os alunos da forma como os cientistas trabalham: investigações, nas quais os alunos possam colocar problemas e hipóteses, desenhar procedimentos, controlar variáveis, registar e analisar dados, avançar explicações, discutir criticamente os resultados... Do outro lado, os professores, imperturbáveis, vão perpetuando atividades com as quais se sentem confortáveis: separação dos pigmentos fotossintéticos em cromatografia de papel, observação microscópica de células do epitélio bucal e da cebola, observação e classificação de amostras de rochas, extração de DNA de frutos variados... tudo isto com “protocolos” bem delineados, passo a passo, para tudo dar certo, que o frenesi inerente a uma aula laboratorial já é suficiente. Os didatas interrogam-se sobre a eficácia da formação de professores. Os professores, que conhecem bem o discurso sobre investigações, re-clamam que “eles é que deviam estar ali, para ver o que custa”.

Na defesa da aprendizagem por investigações (também chamada de *inquiry based science learning*), os testes com controlo de variáveis ganharam enorme relevância, ins-pirando projetos de investigação, formação e intervenção. Julgo que este tipo de investigações tem sido sobrevalorizado na educação em ciência. A verdade, é que investigar em ciência não é uma regra algorítmica simples, em que basta isolar a variável independente e verificar o seu efeito na variável dependente, controlando outras variáveis. Esta é, quanto a mim, uma forma simplista de entender a investigação científica e o ensino das investigações, que pode limitar a imagem dos alunos acerca do trabalho dos cientistas e a diversidade de aprendizagens e competências, nomeadamente de raciocínio científico, que poderiam ser promovidas com uma abordagem mais diversificada das investigações.

A primeira pergunta a que o professor deve tentar responder, quando decide selecionar ou adaptar uma atividade prática para a tornar investigativa é: Qual é a matriz de uma investigação científica? O que deve ser preservado? Popper afirma que “Há somente problemas e o impulso para os resolver”¹. A frase capta a essência de uma investigação científica, mas é demasiado vaga para ajudar os professores. Para além do problema, é preciso escolher um método que concretize o impulso, de forma cientificamente válida.

Os cientistas usam diversos métodos para recolher evidências que lhes permitem construir explicações acerca do mundo. A construção de conhecimento resulta da coordenação entre as evidências recolhidas e os conceitos teóricos disponíveis. Na tabela 1, identifiquei e descrevo as principais metodologias de investigação usadas pelos cientistas e os diferentes esquemas de raciocínio científico que lhes estão associados.

Esta classificação de investigações é um instrumento útil para os professores, na medida em que lhes permite dar significado aos trabalhos práticos que desenvolvem, perceber que determinadas metodologias são mais apropriadas para determinado tipo de problemas científicos do que outras, compreender os aspetos metodológicos a que deve ser dada ênfase particular durante o desenvolvimento da investigação e, ainda, guiar os alunos no desenvolvimento de esquemas de raciocínio característicos da ciência.

Além do mais, pode funcionar como um “tranquilizador”, já que facilmente se compreende, através da análise desta tipologia de investigações, que muitos dos trabalhos práticos que os professores já implementam em sala de aula podem ser facilmente transformados em investigações. Em metodologias descritivas, tais como as já mencionadas separação dos pigmentos fotossintéticos em cromatografia de papel, a observação microscópica de células, a observação e classificação de amostras de rochas e minerais segundo critérios estabelecidos, a observação de paisagens geológicas. Em trabalhos de modelação, tais como a construção de um modelo físico de célula ou de vulcão ou a simulação de um ecossistema numa garrafa de plástico. Em trabalhos experimentais, tais como estudar o efeito da luz na germinação das sementes; ou, finalmente, em metodologias comparativas, tais como determinar o padrão de distribuição de determinado ser vivo, numa praia, de acordo com determinados fatores abióticos. O que falta, então, a muitos dos trabalhos práticos desenvolvidos em sala de aula, pelos professores? Falta dar espaço aos alunos para pensarem sobre o problema que têm em mãos, sobre quais as melhores técnicas e instrumentos de recolha de dados, sobre qual a melhor forma de os tratar, comparar e analisar, sobre as limitações do estudo e formas de as contornar. No fundo, falta dar espaço aos alunos para sentirem “na pele” as dificuldades inerentes às tomadas de decisão, em cada passo da investigação. É fácil fazer isto em sala de aula? Não. É uma estratégia de ensino que não se compadece com modelos de “descoberta”, nem tão pouco com “protocolos experimentais” à prova de pensamento crítico. E o problema é que, entre uma coisa e outra, fica o professor... entregue à sua preparação científica e à sua sensibilidade. E só com estas será possível, em cada momento, equilibrar a autonomia dada ao aluno e o feedback necessário à progressão das suas aprendizagens. Seremos capazes de lá chegar?

¹ Popper, K. (1992, original publicado em 1956). O realismo e o objectivo da ciência. Lisboa: Publicações D. Quixote.

OBSERVAÇÃO E DESCRIÇÃO

Principais domínios de aplicação: Astronomia, Geologia, Ecologia, Anatomia, Sistemática de seres vivos...

Características principais

- Observação sistemática e classificação (de acordo com critérios estabelecidos) das componentes de um objeto ou fenômeno natural.
- Conjugação de diversas técnicas e instrumentos de recolha de dados, consoante o objeto de estudo, para obtenção e visualização de um vasto conjunto de dados de natureza variada, que visam caracterizar os elementos do sistema.
- Recurso frequente a técnicas de amostragem e de análise estatística, que visam estabelecer generalizações ou relações entre as variáveis do sistema.

Tipo de raciocínio predominante

Parte-se de um conjunto de observações para a inferência de uma hipótese explicativa acerca da estrutura, funcionamento ou evolução de um fenômeno natural, num raciocínio do tipo indutivo. Implica, frequentemente, o estabelecimento de relações causais (multicausais, uma causa para vários efeitos, ou sequências de causa-efeito). A formulação da Teoria da Evolução de Darwin, por ex., corresponde a um esquema de raciocínio deste tipo.

TRABALHO EXPERIMENTAL

Principais domínios de aplicação: Genética, Biologia molecular, Fisiologia vegetal, Física e Química...

Características principais

- Pressupõe a manipulação de uma ou mais variáveis independentes e a observação do seu efeito sobre outras variáveis (variáveis dependentes) e tem como objetivo o estabelecimento de uma relação causal.
- Todas as fases do método experimental estão impregnadas de conhecimento teórico, já que a formulação de um "bom" problema científico de partida (pertinência, delimitação, originalidade) e o estabelecimento do desenho experimental requerem um prévio e profundo domínio da área.
- Faz uso de vários tipos de controlo: Uns procuram garantir que a variável independente foi devidamente isolada (p. ex., uso de controlo positivo e de controlo negativo), outros procuram eliminar ou minimizar fontes de erro experimental (p. ex., a repetição de ensaios).
- Recorre, frequentemente, a experimentações paralelas e independentes, de natureza diferente, que oferecem múltiplas linhas de evidências, com vista à triangulação e fortalecimentos das conclusões.

Tipo de raciocínio predominante

Essencialmente do tipo hipotético-dedutivo. Ou seja, são estabelecidas uma ou mais hipóteses teóricas, que se fundamentam em observações e processos racionais, por exemplo analogias. Em seguida, testam-se as hipóteses através da experimentação, para deduzir uma conclusão. Ao longo de todas as fases do método experimental, predomina o raciocínio do tipo causa-efeito.

COMPARAÇÃO

Principais domínios de aplicação: Agronomia, Medicina, Geologia...

Características principais

- Usa-se para inferir informação de um caso particular para outro caso particular ou para determinar as relações entre dois ou mais casos, selecionando-se dois grupos expostos a condições diferentes.
- Inclui estudos retrospectivos, que analisam eventos ocorridos no passado (por ex., evolução da relação entre níveis de CO₂ atmosférico e temperatura global) e prospectivos, que examinam a relação entre variáveis, projetando-a no futuro (por ex., determinar a probabilidade de um indivíduo fumador vir a contrair cancro de pulmão).
- É um "híbrido" entre a metodologia experimental e a descritiva. É semelhante aos estudos experimentais, porque envolve a comparação de dois grupos (controlo e experimental), mas difere destes porque o tratamento se observa, em vez de se impor.
- Requer tomada de decisão acerca de: amostragem, período temporal durante o qual deve ocorrer a recolha de dados, tipo de informação a recolher, monitorização de outras variáveis que possam influenciar a relação em estudo, seleção dos testes estatísticos mais adequados.

Tipo de raciocínio predominante

Predomina o raciocínio por analogia, que vai do particular para o particular. Se algo apresenta determinadas características que estão associados a determinadas condições, então outro grupo de indivíduos expostos às mesmas condições, terá um certo grau de probabilidade de possuir as mesmas características. A conclusão do raciocínio por analogia será tanto mais provável quanto maiores forem as semelhanças significativas entre os casos observados, ainda que nunca se possa estabelecer uma relação causal.

MODELAÇÃO

Principais domínios de aplicação: Climatologia, Engenharias, Ecologia...

Características principais

- Usa-se para estudar sistemas complexos, onde interatuam diversas componentes e processos.
- O objetivo é replicar um sistema real ou conjugar várias ideias num todo coerente que permita formular e provar hipóteses.
- Pressupõe a simplificação da realidade através de representações físicas, conceptuais ou computacionais.
- Exige, com frequência, tomadas de decisão acerca da delimitação de fronteiras, seleção dos fatores relevantes, estabelecimento de níveis de análise (por ex., local, regional, global), definição de uma escala temporal e ainda, acerca das ferramentas matemáticas, muitas vezes estatísticas, mais apropriadas à análise do fenómeno em causa.
- Os modelos são avaliados com base nas suas capacidades descritivas, explicativas e preditivas, normalmente através de simulações.

Tipo de raciocínio predominante

Pensamento sistémico e complexo, que implica o estabelecimento de relações causa-efeito. Contudo estas relações causa-efeito, raramente são do tipo linear. Na modelação, o que está em causa é, precisamente, considerar e estudar todas as componentes e processos de um sistema, em simultâneo. O pensamento sistémico ou complexo, necessário à construção e avaliação de modelos, exige o domínio e ponderação de conceitos abstratos inerentes ao próprio conceito de "sistema", tais como emergência, adaptação à mudança, instabilidade, retroação, caos, incerteza, etc.

"(...) dar espaço aos alunos para pensarem sobre o problema que têm em mãos (...)"



"dar espaço aos alunos para sentirem "na pele" as dificuldades inerentes às tomadas de decisão, em cada passo da investigação"

Tabela 1- Tipos de investigação e esquemas de raciocínio científico que lhes estão associados

em destaque **Experimental, descobrir... Viajando sobre a luz**

Educadoras de Infância do Colégio Valsassina

De forma regular os alunos são desafiados a realizar pequenas experiências, as quais permitem alimentar a curiosidade e o interesse pela exploração do mundo que as rodeia, assim como contribuem para proporcionar aprendizagens conceituais.



5 anos: Experimentar e brincar com a luz

Os alunos de 5 anos foram desafiados a realizar pequenas “experiências hands-on”, com o objetivo de estudar a Luz. No âmbito da comemoração do Ano Internacional da Luz, os alunos de Física e Química do secundário e os seus colegas da Infantil estudaram os fenómenos ópticos. Ambos desenvolveram trabalhos experimentais. Os alunos de 5 anos, em pleno laboratório de Física, observaram diversos fenómenos ópticos de forma a dar resposta a algumas questões que tinham previamente colocado com a sua educadora:

- O que é a Luz?
- Por que é que há sombra?
- Por que há dia e noite?

“A Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou 2015 como o Ano Internacional da Luz, para celebrar a luz como matéria da ciência e do desenvolvimento tecnológico.”

Aproveitando a celebração do Ano Internacional da Luz, iniciaram-se no jardim de infância pequenos projetos de investigação. Estes tiveram como ponto de partida o interesse e curiosidade que as crianças demonstraram sobre este tema. Em cada turma, um grupo diferente de crianças, dos 3 aos 6 anos, iniciou um caminho de experiências e de aprendizagem, que ainda está a decorrer.

Nos 3 anos, procurou-se responder à pergunta, o que diferencia o Dia da Noite. O projeto teve início a partir de algumas histórias onde se diferenciava o dia e a noite. Foram surgindo conversas sobre este tema e a sua influência nas vivências do dia-a-dia das crianças. Realizaram-se trabalhos de expressão plástica com diferentes materiais, onde as crianças representaram o dia e a noite e as suas diferentes características (o sol, a lua, as estrelas,...). Alguns alunos contribuíram para o enriquecimento do projeto, trazendo informações e materiais que pesquisaram com os pais.

No início do projeto, os alunos tinham diferentes perceções sobre a questão de partida:

“Dia é o sol, o céu azul e as nuvens”

“De dia vamos à escola”

“O dia é o sol, as nuvens, o céu azul, brincar, brincar com os nossos amigos”

“A noite é a lua e as estrelas”

“À noite os meninos dormem”

“À noite fica a lua e as estrelas”

“A noite é escuro, a lua, as estrelas, as estrelas cadentes”

Nos 4 anos, o projeto surgiu a partir da questão: **O que é a luz?**

Os alunos avançaram com algumas ideias prévias:

“A luz é quente”

“Há pessoas que não vêem a luz”

“A luz vem dentro das caixas que se compram para ligar a luz em casa”

“A eletricidade são os raios de luz que vêm nos cabos”.

Procurou-se então investigar, descobrir e partilhar o que iam aprendendo. O entusiasmo foi grande... apareceram trabalhos ricos de informação e criatividade!

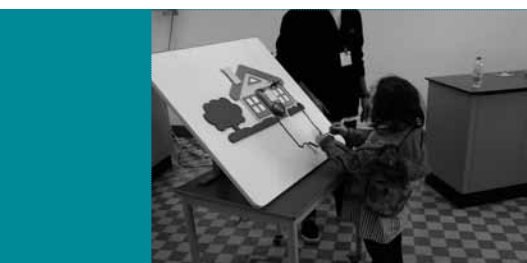
Os alunos aprenderam que há luz natural e artificial. Estudaram as formas de produzir energia (a partir de fontes renováveis e não renováveis) e as maneiras de aproveitar bem cada uma delas. Desenvolveram o tema através de uma visita ao museu da eletricidade onde puderam “ver e experimentar”!

A “viagem pela luz”, ganhou entretanto outro rumo. Surgiu a pergunta: qual o efeito da luz do Sol no crescimento das plantas. Prontamente os alunos acompanharam e compararam o crescimento de feijeiros que recebiam luz, e outros que estavam à sombra.

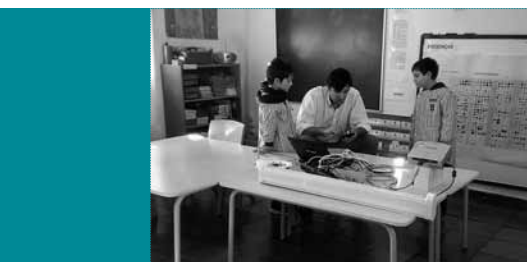
"(...)é crucial que as crianças tenham oportunidades para explorar o mundo, comunicar as suas ideias, aprendendo através de diferentes experiências de aprendizagem"



Alunos a realizarem trabalhos, de expressão plástica, onde procuraram representar o "Pátio da Estrela", de dia e de noite. 5 anos



Visita ao Museu da Eletricidade. 5 anos



Sessão sobre eletricidade e eficiência energética



Trabalhos realizados por alunos dos 5 anos (turma C) sobre a Luz

A motivação e alegria em aprender tem sido uma constante. É muito interessante verificar que a maioria das crianças tem constatado que há muito para aprender...

Os alunos de 5 anos procuraram responder à pergunta: O que é a luz?

Na primeira reflexão em grupo, os alunos apresentaram as suas ideias:

"É o Sol." 5 anos A

"Serve para ver as coisas à noite." 5 anos A

É a alma do Menino Jesus." 5 anos A

É o que está nos aparelhos, nas lanternas e nas lâmpadas." 5 anos A

"É o que ajuda a crescer a natureza." 5 anos A

"É uma coisa que dá energia" 5 anos B

"É feita por eletricidade" 5 anos B

"É para não estar escuro" 5 anos B

"As estrelas também brilham porque têm luz" 5 anos B

"A luz ajuda-nos a ver. O sol é uma bola de luz que ilumina o mundo. Se não tivéssemos o sol, não existíamos, não havia pessoas. Porque se a natureza não existisse, nós não existíamos, nada existia." 5 anos C

"A lua também tem luz." 5 anos C

"A luz tem eletricidade por isso é fácil ligar e desligar" 5 anos C

Na parte inicial do estudo, foram realizadas visitas de estudo. No Centro de Arte Moderna, numa viagem pela vida do artista António Dacosta, os alunos observaram trabalhos onde era dado destaque à posição do sol, desde o nascer, ao entardecer, ao pôr-do-sol e à noite. Estes serviram de base à elaboração de trabalhos sobre as cores, na perspetiva de dia e de noite, tendo como fundo, o Pátio da Estrela, imaginando-o com luz e sem luz. No Museu da Eletricidade foi possível perceber como a eletricidade veio transformar e facilitar a vida das pessoas.

Nos 5 anos A foi possível contar com a colaboração do pai do aluno José Pedro Dias, engenheiro eletrotécnico, que partilhou a sua experiência de trabalho num projeto sobre a correta utilização da eletricidade. A partir de uma apresentação em power-point e com experiências em Ipad's, telemóveis e outros aparelhos, foi possível integrar um conjunto de medidas úteis para a utilização correta da luz nas nossas casas e na escola

Na turma dos 5 anos C, após a leitura de uma história trazida por uma criança, "Como apanhar uma estrela", o grupo mostrou grande curiosidade e interesse em saber mais sobre o espaço. Desta forma, debruçou-se sobre este tema: lendo livros, visualizando vídeos, pesquisando e elaborando trabalhos em casa, com a ajuda das famílias, sobre o sistema solar a até sobre as constelações.

Mas, esta viagem ainda não terminou. Durante o processo são cada vez mais as perguntas que os alunos vão colocando:

"Como é que a luz se acende e apaga?" André

"Porque é que quando o sol brilha muito há coisas que dão sombra ao chão?" Leonor

"Porque é que o sol também tem luz?" Rodrigo

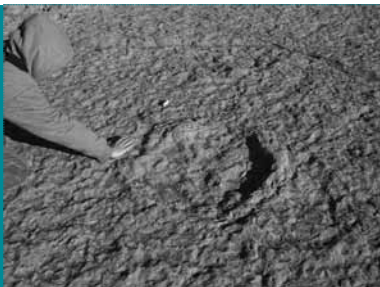
"Porque é preciso luz à noite?" Duarte B.

Qual será o caminho para onde pretendem seguir?

em destaque

Observar e experimentar... *in loco* A importância das saídas de campo

Andreia Luz, Marina Martins, João Gomes Professores de Ciências Naturais do 3º ciclo.



Saída de campo às Pegadas de Dinossauro da Serra d'Aire (7º ano)



Referências bibliográficas

Bonito, J. (1996). Na procura da definição do conceito de «actividades práticas». *Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, vol. extra, 8-12.

Bonito, J.; Macedo, C.; Soares Pinto, J. M. (1999). Metodologia das actividades práticas de campo no ensino das geociências na formação inicial de professores: uma experiência em Pinhel. Comunicação oral apresentada no VII encontro nacional de educação em ciências, realizado em Novembro de 1999 na Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve. *Educação em Ciências. Actas do VII Encontro Nacional*. Faro: Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve, pp. 144-178.

Oliveira, T. (2008). As visitas de estudo e o ensino e a aprendizagem das ciências físico-químicas: um estudo sobre concepções e práticas de professores e alunos. Tese de Mestrado em Educação, área de Especialização em Supervisão Pedagógica em Ensino da Física e Química. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia

Hodson, D. (2004). Time for Action: Science Education for Responsible Citizenship. 20 Anniversary Public Lecture, The University of Hong Kong. Disponível online em <http://www.hku.hk/education/research/lecture/DerekHodson.pdf>.

Seniciato, T.; Cavassan, O. (2004). O. Aulas e campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências - um estudo com alunos do ensino fundamental. *Revista Ciência & Educação*, v.10, n.1, p. 133-147, 2004

As saídas de campo e as visitas de estudo são consideradas, tanto pela investigação, como pelos Currículos Nacionais do Ensino Básico e do Ensino Secundário, como recursos dotados de inúmeras potencialidades educativas. Por outro lado, diversos estudos sugerem que os jovens, de um modo geral, gostam de Saídas de Campos e de Visitas de Estudo e aprendem através delas.

Hodson (2004) refere que o currículo escolar deve assentar num conjugação de três aspetos importantes, sejam eles, aprender Ciência e Tecnologia, aprender sobre Ciência e Tecnologia e fazer Ciência e Tecnologia. Segundo o próprio, a relevância de uma educação científica e tecnológica consiste em adquirir e desenvolver um conhecimento conceptual científico e tecnológico, que torne familiares os vários tipos de tecnologias existentes na sociedade atual, mediante o desenvolvimento do conhecimento de técnicas e métodos de natureza científica e tecnológica, atendendo à complexidade das relações estabelecidas entre Ciência, Tecnologia e Sociedade. Em coerência com o que foi referido, estas atitudes devem estar associadas a um espírito empreendedor na resolução questões problemáticas (Oliveira, 2008).

Esta perspetiva é corroborada por Cachapuz et al. (2004 *in* Oliveira, 2008), que tal como Perrenoud (2001 *in* Oliveira, 2008), que considera como essencial dotar os cidadãos com competência suficiente para resolver situações totalmente inesperadas, sustenta que **“a Ciência inova e o saber se renova”**, pelo que no seu entender, o desafio que atualmente se coloca constantemente ao sistema de ensino das sociedades modernas reside no facto de ter de se reinventar um novo conjunto de saberes básicos, que designa como sendo “ferramentas, que permitem a mudança de uma aprendizagem dirigida (...), para uma aprendizagem assistida e, desta, para uma aprendizagem autónoma, de acordo com um percurso de responsabilização crescente de cada cidadão pela construção do seu próprio saber (...)”.

A necessidade de satisfazer as exigências de uma sociedade com cada vez maior visibilidade para questões problemáticas, seja a nível científico ou ambiental, tem exigido uma adaptação dos currículos em Ciências. Assim, de um currículo centrado no desenvolvimento do conhecimento conceptual, com uso escasso das atividades práticas, passou-se a dar mais ênfase a um conhecimento em que o desenvolvimento procedimental é determinante e em que a importância das atividades práticas no processo de construção do conhecimento científico assume uma tônica cada vez mais relevante (Oliveira, 2008).

As atividades práticas são atualmente entendidas como um método fundamental no processo de ensino-aprendizagem das ciências, traduzidas em distintas e diversificadas ações, realizadas no espaço da sala de aula, laboratório ou exterior à escola, implicando sempre que o aluno seja um sujeito ativo no próprio processo de construção do seu conhecimento (Bonito, 1996).

Por sua vez, não é novidade que os ambientes naturais, entre outros espaços não-formais, favorecem o desenvolvimento de aulas de Ciências, pois permitem uma abordagem interativa, estimulam o diálogo e motivam os alunos para atividades educativas capazes de superar a fragmentação do conhecimento (Seniciato e Cavassan, 2004). Além disso, permitem que os conhecimentos sejam abordados de uma forma interdisciplinar e holística. Neste contexto, as saídas a campo, como atividades práticas,

Na nossa opinião as saídas de campo são em muitos aspetos benéficas.

Uma das vantagens de introduzir um tema com uma saída de campo é que a nossa motivação para o compreender aumenta. Para o sucesso escolar, os alunos devem manter-se interessados na matéria e motivados para saber mais. Todos sabemos que uma aula fora do normal desperta, com certeza, os alunos e o interesse que estes podem ter pelo tema. Outra das vantagens de uma saída de campo é podermos observar diretamente da natureza o que aprenderemos nas aulas seguintes, ficando assim com uma melhor noção da realidade. Assim, quando estivermos a aprender a matéria na aula perceberemos melhor do que trata.

Por fim, pensamos que o facto de podermos observar com os nossos próprios olhos, dá-nos a possibilidade de criar a nossa própria opinião quanto ao tema explorado, enquanto que na aula apenas nos baseamos no manual e na opinião do nosso professor.

Concluimos, portanto, que as saídas de campo melhoram o nosso desempenho e interesse pela disciplina.

Catarina Silva Nunes, Filipa Tojal Silva e Laura Mota. 8º A

As saídas de campo são determinantes para a aprendizagem dos alunos pois podemos testemunhar aquilo que estudamos nas aulas. Os nossos sentidos ficam mais atentos por estarmos no local. A parte prática começa a completar-se com a teórica e o nosso interesse pela matéria aumenta. Além de contribuir para ficarmos atentos e curiosos, levamos a perceber melhor a matéria.

Leonor Neto, Afonso Carvalho e António Gonçalves. 8º A

assumem-se como uma estratégia de ensino de ciências que conduz à problematização dos conteúdos.

As atividades de campo permitem o contato direto com o ambiente, possibilitando que o estudante se envolva e interaja em situações reais, confrontando teoria e prática, além de estimular a curiosidade (tal como é destacado pelos alunos na caixa ao lado) e aguçar os sentidos. Deste modo, o aluno sente-se e assume-se protagonista do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, é um elemento ativo e não um mero recetor de conhecimento.

De realçar que alguns dos objetivos relacionados com procedimentos e atitudes no ensino e educação em Ciências só poderão ser cumpridos com atividades realizadas no campo. Alguns elementos tornam insubstituível o seu papel didático (Brusi, 1992 *in* Bonito et al., 1999):

- i) A inserção na esfera natural permite-nos compreender a amplitude, a diversidade e a complexidade do ambiente e a multiplicidade de variáveis que o integram.
- ii) O conhecimento regional, no que se refere aos aspetos geológicos, vegetação e fauna, entre outros, é muito difícil de abordar com um método ativo se não for mediante o contacto direto com o meio.
- iii) A própria vivência é o melhor marco de referência para consciencializarmo-nos da passagem do tempo, que marca ritmos e intervalos na sucessão dos fenómenos.
- iv) As atividades fora da sala de aula poderão transmitir mais vivacidade e uma atitude ávida em relação ao meio natural.

O campo torna-se assim o contexto de aprendizagem onde o conflito entre o real (o mundo), o exterior e o interior, as ideias e as representações, ocorre em toda a sua intensidade. A maioria dos conceitos pode analisar-se a partir das atividades no campo, pois elas produzem uma síntese tripla, real dos conteúdos programáticos, na sua dimensão de conceitos, procedimentos e atitudes.



Estudo da Geologia da região de Sintra-Cascais (10º Ano)
Saída de campo à zona de interesse Biofísico das Avencas (8º Ano)



em destaque **O poder secreto da narração oral**

Bruno Batista. Contador de histórias e licenciado em Animação Cultural e Educação Comunitária

"(...) em casa, narremos histórias, contemos histórias de família, inventemos histórias em conjunto, tornemos esses momentos espaços de afeto e de aproximação familiar."

"A imaginação é mais importante que o conhecimento." Albert Einstein

Contar faz parte de nós. Somos todos feitos de histórias e elas são a base da nossa necessidade de comunicação. Mas quando se fala em contar histórias associa-se logo à literatura infantil, aos livros. Narrar é muito diferente de ler uma história. A narração vem da literatura oral, única forma de transmissão de conhecimentos antes do aparecimento da literatura escrita que, apesar de ter sido um passo importante na preservação da memória da humanidade, acabou por quase anular a importância tida até então pela narração oral.

E porque é que numa sociedade tecnologicamente avançada, a aparente simplicidade da narração volta a ganhar destaque?

Percorrendo o país como contador de histórias tenho ouvido muitos educadores referirem a falta de imaginação dos alunos. Se pensarmos na origem da palavra, imaginação deriva do latim *imaginatio*, ou seja, visão, criar imagem mental de algo. Ora, como é que numa sociedade da imagem os alunos têm tanta dificuldade em imaginar?

Segundo Susan R. Johnson (1999), pediatra especialista em desenvolvimento e comportamento infantil, o problema é precisamente o excesso de estimulação visual. O excesso e a rápida mudança de imagens não permite o cérebro lógico refletir sobre as mesmas, levando apenas a uma captação que fica para sempre na memória de forma consciente ou não. E isto é um problema, considerando que passamos horas em frente a vários ecrãs.

Susan R. Johnson percebeu a dificuldade das crianças em criarem imagens mentais. Quando lhes era pedido para imaginarem o monstro de "A Bela e o Monstro", todas as crianças descreviam a personagem da Disney. Ora isto não é imaginar, é apenas recordar uma memória visual e isso não tem nada de criativo.

O poder da narração oral está precisamente na criação de imagens mentais. Narrar uma história inclui o narrador e a audiência. O narrador cria a experiência, enquanto a audiência depreende a mensagem e cria imagens mentais pessoais. Nesta experiência, a audiência torna-se co-criadora da arte. Imagine o que seria imaginar o monstro de "A Bela e o Monstro" antes da criação da personagem pela Disney. Seria muito mais assustador e poderoso.

Num estudo do professor e investigador na universidade de Carolina do Norte, Brian Sturm (1999), cientistas mediram as ondas cerebrais de várias ações. Verificou-se que a música ou a narração oral eram capazes de colocar o cérebro em eferescência. O hemisfério esquerdo, descodificando as mensagens e o hemisfério direito, ligando-as às memórias e às emoções e criando imagens mentais. O estudo também fala sobre uma espécie de transe que é experimentado pelos ouvintes, condição descrita como um "estado de consciência qualitativamente diferente ao ouvir histórias".

Perante isto podemos dizer que contar histórias estimula em muito o cérebro, desenvolvendo a capacidade de criação de imagens mentais, mecanismo esse que desenvolve a criatividade, centra e capacita a nossa atenção, ligando as memórias e desenvolvendo a inteligência emocional. Além disso, os contos são metáforas poderosas que mexem de forma inconsciente com os dilemas internos que no fundo são universais.

Bibliografia

Johnson, Susan R. (1999), "TV and Our Children's Minds" in YouandYourChildsHealth.org
Sturm, Brian (1999), "Enchanted imagination: Power Storytelling for listeners" in School Library Media Research.

Traça, Maria Emília (1992), "O Fio da Memória – do conto popular ao conto para crianças", Col. Mundo de Saberes, Porto Editora, Porto.

" (...) os contos são metáforas poderosas que mexem de forma inconsciente com os dilemas internos (...)"

Os resultados são evidentes, crianças ouvintes de contos mais facilmente serão leitoras pois, com o mecanismo de imagens mentais desenvolvido, irão além da descodificação da mensagem, criando também as imagens sugeridas pela leitura, tornando esta mais prazerosa.

Por isso, em casa, narremos histórias, contemos histórias de família, inventemos histórias em conjunto, tornemos esses momentos espaços de afeto e de aproximação familiar. Na escola, contemos histórias, tornemos as nossas aulas histórias, dando os contextos, falando das pessoas por detrás dos conhecimentos, valorizemos a oralidade, a estruturação da narração, humanizemo-nos perante os nossos alunos. Estaremos a criar seres não só ligados ao mundo como também ligados a si próprios, mais preparados para lidar com as grandes questões da vida, mais felizes, mais ligados à essência do ser.

E é por isto que Einstein afirmava que a Imaginação é mais importante que o conhecimento. Termine com a história de uma senhora que o abordou pedindo conselhos, desejosa de ver o seu filho triunfar como cientista. Einstein terá respondido: "conte-lhe contos de fadas, e depois... mais contos de fadas!"



educar para a leitura

Ler para crescer

Ana Paula Ferreira, Irene Costa, Tiago Filipe. Professores do 1ºCiclo

Boas razões para ler

No tipo de sociedade em que vivemos, saber ler é uma das capacidades mais importantes do ser humano. Indispensável em muitas atividades do dia a dia, condiciona significativamente a nossa autonomia e sucesso na vida.

Aprender a ler e, posteriormente, conseguir aprender através da leitura, é um processo gradual e complexo. Ler, na verdadeira aceção da palavra, é compreender o que está escrito, o que vai muito além da (simples?) decifração do código escrito.

Nas nossas aulas procuramos que as crianças ouçam ler em voz alta, lemos em conjunto com elas e conversamos sobre o que nos faz “vibrar”, intelectual ou emocionalmente. Acreditamos que desta forma promovemos o desenvolvimento da inteligência e da imaginação, o enriquecimento do vocabulário e da linguagem. As imagens, informações e ideias dos livros alargam o conhecimento sobre o mundo, físico e social. Esse conhecimento dificilmente se perde e acrescenta-nos “valor”. Ao lermos uma narrativa, porque estamos protegidos pelo distanciamento da ação, podemos analisar e refletir sobre os comportamentos e atitudes dos personagens, o que nos ajuda a ganhar confiança e poder de decisão em situações semelhantes da nossa vida. Tendencialmente, quem tem o hábito de ler conhece-se melhor a si próprio e compreende melhor os outros.

Ler em conjunto é divertido e reforça o prazer do convívio. Ao partilharem aventuras lidas, criam-se laços afetivos entre as crianças, descobrem-se afinidades e cumplicidades. E o prazer de ouvir uma história lida por um adulto num ambiente propício, espelha-se nos seus rostos e na tranquilidade com que nos escutam.

De uma maneira geral, aqueles que ouvem ler e leem (em voz alta ou silenciosamente) gostam de aprender e, porque relacionam informações do que leram com conteúdos lecionados nas aulas, conseguem aprender mais depressa e compreender melhor a funcionalidade da linguagem escrita. Sempre que valorizamos as tentativas de leitura das crianças e as ajudamos a aceder à mensagem transmitida pelo autor, estamos a contribuir para a formação de bons leitores.

Educação para os Valores através da leitura

Em Educação para os Valores, Valente (1989) refere que estes se educam em todos os momentos e contextos da vida. Refere ainda que a escola é um reflexo da sociedade e dos seus problemas e, eventualmente, a única instituição social capaz de reorientar a sociedade.

O saber ser e o saber estar são tão ou mais importantes que o conhecimento conceptual que cada um tem, sobre as mais diversas disciplinas. Se queremos que os alunos adquiram valores há que trabalhar, efetivamente, nesse sentido, incluindo atividades na escola que se desenvolvam com esse objetivo e que, como qualquer outro conteúdo, não deve ficar por dar. Os livros e as suas narrativas são um poderoso recurso para a formação de pessoas melhores. Dado que o currículo não existe sem alunos, que vivem num dado tempo e contexto e que permanentemente se influenciam mutuamente, sejamos, então, “de livros e contos debaixo do braço” agentes de mudança. Uma escola de valor é uma Escola que educa (também) para os valores.

Reforce-se, contudo, que “os valores precisam de tempo”, não se aprendem num dia, constroem-se durante um percurso. É por essa razão que são precisas muitas histórias, lidas ou contadas, que nos ajudem a ajudar a crescer.

Fontes consultadas:

MAGALHÃES, Álvaro (2006) O senhor do seu nariz e outras histórias. Alfragide: Edições ASA.

MATA, Lourdes (2008). A descoberta da escrita. Lisboa: DGIDC-ME.

VALENTE, M. O. (1989). A Educação para os valores. In: O Ensino Básico em Portugal. Porto: Edições ASA; <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt>



1. Quando nasceu um menino, apareceu uma fada que lhe lançou um feitiço: a vida dele iria dar para o torto, crescendo-lhe um nariz do tamanho de um chouriço.

Ilustração dos alunos do 3ºB



2. À medida que o menino foi crescendo, o nariz também crescia, mas muito mais depressa do que ele. Tornou-se muito pesado e causava-lhe dores nas costas. Mas seria bem pior, pensava ele, se fosse do tamanho de um presunto! Contudo, as pessoas foram ficando com medo do seu nariz e fugiam muito assustadas onde quer que ele aparecesse.

Ilustração dos alunos do 3ºB



3. Porque não queria causar incómodos às outras pessoas, o senhor do seu nariz foi-se afastando e acabou por ir viver para uma pequena casa abandonada, isolada no cimo de uma serra. Como a casa era pequena, o nariz ficava fora da janela. Mesmo assim, ele considerava-se uma pessoa feliz.

Ilustração dos alunos do 3°C



4. Mas ter um nariz tão comprido tinha as suas vantagens: ser muito sensível aos cheiros e às correntes de ar. Por isso era capaz de se aperceber de coisas perigosas e podia avisar as pessoas, como aconteceu quando evitou que uma fogueira provocasse um incêndio ou que um temporal apanhasse as pessoas desprevenidas.

Ilustração dos alunos do 3°C

O senhor do seu nariz

No âmbito da Semana das Línguas, a equipa do 3.º ano decidiu explorar a história O senhor do seu nariz, de Álvaro Magalhães.

Depois de a lermos e de muito conversarmos sobre as suas peripécias, foram realizadas várias atividades que procuraram desenvolver nos alunos, para além da competência leitora, a capacidade de análise e de síntese. Enquanto nas aulas de **Português** se lia, comentava e tentava resumir a história, nas de **Expressão Plástica** os alunos ilustraram, a óleo pastel, as diferentes partes da narrativa. O produto final encontra-se exposto no átrio do 1.º Ciclo para que toda a nossa comunidade possa dela disfrutar.

As tarefas realizadas proporcionaram momentos divertidos e lúdicos tão importantes quanto os objetivos curriculares a que nos propusemos. Desta forma, o entusiasmo e o trabalho andaram de “mãos dadas”.

E para “acrescentar valor”, terminamos sugerindo a todos a leitura desta história, mas partilhámos convosco as ilustrações efetuadas pelos diferentes grupos de alunos e algumas das conclusões a que chegámos com o senhor do seu nariz:

- **Nunca desistir perante as dificuldades;**
- **Focar-se nas soluções e não nos problemas;**
- **Encarar a vida com otimismo.**



5. Um dia, na cidade, sentiu-se um cheiro estranho, parecia queijo, mas seria um queijo diferente dos que se fazem na Terra. O senhor do seu nariz seguiu o cheiro e encontrou um casal de marcianos a fazer um piquenique no sopé da serra. Quando o viram assustaram-se com tão grande nariz, meteram--se no seu disco voador e desapareceram no ar. Os habitantes da cidade ficaram convencidos de que ele impedira uma invasão dos marcianos. Ilustração dos alunos do 3ºA

6. O tempo foi passando e o senhor do seu nariz passou a ser tratado como um herói. Um dia, o cheiro a pó de fada levou-o a um beco escuro, onde encontrou uma fada caída numa poça de lama, incapaz de se mexer. Apesar de se tratar da fada que o havia amaldiçoado, o senhor do seu nariz ajudou-a e levou-a para a sua casa, longe dos olhares das outras pessoas, até que conseguisse encontrar a porta do ar, por onde costumava passar sempre que queria sair da Terra. Ilustração dos alunos do 3ºA

Ilustração dos alunos do 3ºA

7. Certo dia, enquanto a fada colhia verduras, um menino viu-a e foi avisar as pessoas da cidade. Porque não podia ser vista por ninguém, a fada morreria de madrugada caso não encontrasse a porta do ar para poderia fugir da Terra. Apalpando cuidadosamente o ar no sítio onde habitualmente lhe cheirava a pó de fada, o senhor do seu nariz encontrou a porta do ar. Muito agradecida por ele lhe ter salvo a vida, a fada prometeu voltar todos os domingos para o visitar. Ilustração dos alunos do 3ºB



educar para a leitura e para a cultura

No dia 12 de fevereiro de 2015, o escritor **João Rebocho Pais**, autor das obras *O Intrínseco de Manolo* e *Dizem que Sebastião*, visitou o Colégio para falar um pouco sobre si, a sua profissão e o seu percurso, numa sessão que contou com a participação dos alunos do Ensino Secundário do Colégio Valsassina. No final deste encontro, houve uma pequena sessão de autógrafos, seguida de uma conversa entre o autor e as alunas **Beatriz Gaspar, Joana Silva e Rita Miranda, do 10º 1A**, da qual, por uma questão de espaço, se reproduz aqui apenas uma parte.



Entrevista com escritor João Rebocho Pais

Um livro pode fazer da realidade tudo o que quiser. O que procura alterar desta quando escreve? Procura corrigir situações que viveu, criar um mundo ou personagens ideais? Qual é, no fundo, o seu objetivo?

Procuo transmitir a realidade tal como dela me apercebo, apontando aquilo que é efetivamente algo de positivo e não descurando em momento algum tudo aquilo que vamos vendo de errado. Não pretendo mudar o mundo, mas se conseguir levar um meu leitor a pensar em certo tipo de realidades que podemos modificar dentro de nós, na nossa vida, já ganhei. Basta que uma só pessoa se deixe conduzir pelo livro, vá em busca de si mesma e se modifique de acordo com o que considerar melhor para si. Escrever já terá valido a pena.

Quando escreve tem em mente a mensagem metafórica que pretende passar ou concentra-se mais na literal e deixa a leitura metafórica ao critério do leitor?

É curioso, eu gosto muito de escrever utilizando metáforas, sejam elas diretas (atendendo ao significado literal de uma palavra, empregar uma metáfora para substituí-la), ou tenham um sentido mais amplo (a própria ação descrita ser uma metáfora em si mesmo). Muitas vezes, procuro, com essas metáforas, levar as pessoas para o campo do nonsense, do quase surreal, e que acaba por ser a realidade da sua própria vida.

Alguma das suas obras é uma metáfora no sentido mais amplo?

É uma boa pergunta. Não querendo parecer pretensioso, gosto de considerar que ambos o são. O que se passa num relato fidedigno sobre algo que aconteceu origina todo um mundo de possibilidades que nos pode fazer pensar que o caminho, que cada gesto, que cada decisão nossa, nos levam àquilo que decidimos fazer, pelo que creio que de certo modo, e nessa perspetiva, ambos os livros acabam por ser metáforas.

Alguma de vocês gosta de escrever? [levantamos as três a mão] E de ler? [todas respondemos “também”]. Há um ditado que os chineses têm, que é interessantíssimo e que diz assim: “Não escrevas um livro sem teres lido mil antes”. Faz sentido, porque, quando nós gostamos de escrever vamos criando aquilo que é o nosso eu na escrita. Mais narrativa, menos narrativa, mais dramática... Eu detesto escrever em diálogo, nem sei... Eu quando tenho que escrever diálogos vou ler livros de diálogos. Mas há partes em que nos sentimos confortáveis e outras não. Há autores que nos explicam de uma maneira quase metafísica como é que nós queremos escrever. O Paul Auster, por exemplo, levante a perceber que as personagens são aquilo que quisermos. Sándor Márai é fantástico na maneira como descreve as sensações inesperadas. Saramago é fabuloso na maneira como escreve e faz o que quer da escrita, do parágrafo, do tamanho da narrativa. Portanto, há toda uma série de pessoas que nos inspiram para depois sermos nós próprios. E nós próprios somos nós próprios. Não estamos aqui para vender nada e quem não gostar come menos. Quando escrevemos, devemos ter a perceção de que não estamos a querer ser melhores, nunca. Somos nós próprios, nem temos de ser mais dramáticos nem menos dramáticos.. E ler é nunca parar.

Quando tinha a nossa idade, cerca de 15 anos, já se sentia interessado pela leitura, ou nem por isso?

Um rapaz de 15 anos, aluno do Liceu D. Dinis, só queria era jogar à bola. O futebol era o meu mundo. Mas houve algo de que nunca desisti, e esta é a mensagem que mais gosto de passar, que passo aos meus filhos e sempre que vou fazer alguma leitura: ler é um ato de liberdade brutal, que a vida nos oferece e do qual muitas vezes, estupidamente, prescindimos, porque achamos uma seca. Não é, ler é a liberdade total. Não tem jogos, nem

níveis, nem vitórias, nem derrotas... Ler somos nós dentro daquela história. Eu, mesmo no auge da loucura das motas, das namoradas e dos “futebóis”, sempre li. Porque ler, para mim, sempre foi um prazer extraordinário. E, simultaneamente, sentia prazer em escrever. E escrevia muito, com 15 e 16 anos. Obviamente que com menos maturidade, com mais ânsia de querer mostrar tudo o que pensava e dizia, o que é próprio e saudável da idade, mas ler e escrever foram duas coisas que sempre me acompanharam.

Alguma vez pensou na leitura e na escrita como uma escapatória do mundo real?

Sim, mas não exatamente, isso, não exatamente como uma fuga. É mais como ter um sítio secreto, só nosso, que podemos visitar quando queremos. O simples facto de querermos algo de importante para a nossa vida e que sentimos que é importante para nós e de tomarmos essa decisão deliberada não nos transforma num fugitivo, origina a possibilidade encontrarmos um refúgio, onde estamos nós e só nós, e então aí sim afastados do ruído diário da sociedade, das guerras, dos problemas, dos terrorismos, da Internet, do Facebook, de toda a velocidade estonteante a que se vive no mundo... A este ritmo, corremos o risco de esgotar a vida antes de chegarmos aos 25 anos. Já vimos tudo, fizemos tudo, dissemos tudo. Hoje em dia tudo se passa a 500 à hora. Tirámos uma fotografia, está no Facebook, já estão a comentar, já disseram o que tinham a dizer, quando eu chegar a casa já está tudo arrumado no fundo da página... E é por isso que a escrita é importante, pois oferece-nos um espaço onde podemos estar em intimidade connosco mesmos, vendo as coisas, saboreando as coisas, analisando as coisas e escolhendo, porque muitas das escolhas que fazemos na vida são feitas na solidão, e não podemos esquecê-lo. Um livro às vezes é isso mesmo: estamos dentro de um livro, embrulhados na leitura, e há algo que nos muda. O livro é esse abrigo.

Quando tinha a nossa idade, e até quando era mais novo, que profissão tinha em mente para o futuro?

Não faço a mínima ideia porquê, mas na fase dos 14 e 15 anos sempre pensei em ser economista, porque tinha um amigo que era economista e era alguém que cujo sucesso profissional admirava. Mas verdadeiramente o que eu queria era ser jogador de futebol. Esta vocação da escrita nunca ganhou uma base de sustentação tão forte que me permitisse arriscar uma carreira por aqui. Hoje, se voltasse atrás, imagino que talvez tivesse tido oportunidade de arriscar uma carreira literária. Mas isto é como tudo na vida: ou temos coragem e vamos à procura, ou não temos. E eu não tive.

Mas uma carreira literária ainda não está fora de questão, ou está?

Não, não está fora de questão, não há uma idade para começar, nem uma idade para acabar. Pode surgir ou não. E eu vejo-a daquele que considero ser um modo (da minha perspetiva e para mim) saudável. É algo que me encanta. É algo que exige muito de mim, exige trabalho, porque escrever é, como se costuma dizer, “90% de trabalho e 10% de inspiração”. Isto dá imensíssimo trabalho. Este livro [O Intrínseco de Manolo] tem seis revisões. De uma

ponta à outra. Acabámos a revisão: “Está pronto? Não. Então vamos revê-lo.” Seis revisões. Sempre a bater no ceguinho. E sobre este livro [Dizem que Sebastião], posso dizer-vos que quando falei com a editora ela me disse: “João, do meio para a frente está fantástico, chegámos lá, não precisa praticamente de nada. Até ao meio está um caos total.” Eu cheguei a casa, fiz delete e reescrevi o livro até metade. Portanto, tudo isto implica muito trabalho. Agora, a carreira literária não está posta de lado? Não. Passo a passo, um de cada vez, eu diria que posso tentar ganhar um espaço dentro do mundo da leitura em Portugal. Mas temos de perceber que não há muito espaço para autores novos em Portugal, porque em Portugal se lê pouco. Em cada dez amigos meus, oito não lêem. Oito. Não lêem. Já nem digo os meus livros, simplesmente não lêem. Porque não têm tempo. Parecendo que não, a pessoa está para ali duas horas por dia no Facebook. Depois não sobra tempo para ler.

Quais são os aspetos positivos e negativos da escrita e da leitura?

Eu diria que o aspeto positivo da escrita que favorece qualquer um de nós é a possibilidade que nos oferece de extravasarmos o que temos cá dentro. Positivo é que, quer queiramos quer não, existe a possibilidade de fazer uma catarse daquilo que nos incomoda, de nos conhecermos melhor a nós próprios. O que de negativo poderá haver na escrita será a eventual arrogância do escritor, quando se julga num patamar acima de quem não escreve. Na leitura, devo dizer que não encontro nenhum aspeto negativo. Nenhum. Mesmo ler algo que não preste pode tornar-nos ainda mais ricos culturalmente, porque identificamos algo que não tem nada a ver connosco. Neste mundo dos novos autores em Portugal, conheci uma autora que tem uma escrita extraordinária, juvenil, uma escrita fascinante para uma idade entre os 16 e os 20 anos, e ela sentia-se quase triste por perceber que esse era o mundo a que se destinava. E eu disse-lhe abertamente: “Quem me dera a mim ter qualidade para escrever como tu escreves e captar a atenção de uma franja de leitores que é estupidamente exigente.” Porque um adolescente pega nisto, chega à página 10, já não gosta e toca a andar, diz mal disto a todo o mundo. O pôr-do-sol, o cãozinho que corre para o mar, a onda, o amor, a coisa, o amor: perdido, quase perdido... E nós agoniados, a sofrer e a chorar e ele surge, aí, com três perninhas a correr, e... E nós respiramos fundo, e é preciso uma arte fabulosa para conseguir escrever sobre isto de tal modo que um adolescente não o deite fora. Todo o livro, toda a leitura é interessante.

Beatriz Gaspar, Joana Silva e Rita Miranda. 10º 1A.

Trabalho realizado sob a orientação do Professor **Miguel Mochila.**

educar para a sustentabilidade

Entrevista com Sofia Santos

Crescimento Verde: desafios e perspectivas

Sofia Santos é Economista, Doutorada pela Middlesex University (Inglaterra) no tema da Sustentabilidade da Banca. É diretora dos Programas de Sustentabilidade para os Mestrados e executivos no INDEG e do Sustainability Knowledge Center da ISCTE Business School. É Presidente da Associação K-Evolution, www.kevolution.org. Na sequência do desafio que fez ao Valsassina para envolver alunos do secundário na participação pública sobre o Documento “Crescimento para o Crescimento Verde”, procurámos conhecer um pouco mais sobre Crescimento e Economia Verde.

A crise económica global em simultâneo com as alterações climáticas e a escassez crescente de recursos naturais despoleitou o conceito de “crescimento verde”. Como podemos definir “Crescimento verde”? E qual a diferença entre “Economia Verde” e “Crescimento Verde”?

Existem várias definições sobre economia verde e crescimento verde, o que é normal quando estamos a lidar com temas novos. No entanto, e em conjunto com outros colegas de trabalho do “Consórcio para a Economia Verde, definimos Economia verde como sendo: “a dinâmica inerente a um ecossistema que promove o bem-estar, a equidade e a iniciativa empresarial, conseguindo em simultâneo reduzir os riscos ambientais e escassez ecológica. Nesta economia, o investimento, a inovação e a educação deverão ser incentivados, de forma a promover um novo crescimento económico que assenta numa utilização eficiente dos recursos e numa exploração equilibrada dos ativos ambientais, sociais e culturais, capazes de gerar negócios e de criar emprego”.

E, consequentemente, o crescimento verde é “o crescimento que resulta de um ecossistema que assenta no conceito de economia circular. Este crescimento é “verde”, uma vez que em toda a cadeia de valor do produto e serviço, se pretendeu minimizar o impacto ambiental, maximizar a reutilização dos bens e diminuir os riscos ambientais e os seus impactos nas pessoas e nas empresas”.

Será a economia verde uma “fórmula mágica” que permitirá ultrapassar muitos dos problemas que enfrentamos?

Atendendo à definição que se dá à economia verde, esta abordagem seria de facto a fórmula mágica para termos uma sociedade mais inclusiva e justa. Para isso é necessário que os decisores empresariais e políticos consigam compreender as mudanças que esta abordagem significa.

A prossecução de um Crescimento Verde implicará transformações consideráveis no nosso quotidiano, em vários sectores (energia, água, etc...). De que forma é que as políticas públicas poderão agilizar e fomentar mudanças nos restantes atores?

Atendendo ao contexto recente associado à TROIKA e às restrições a que o país ficou sujeito, as mudanças estão a começar a ser feitas enfocando-se em alguns impostos, induzindo assim, “pela negativa” os comportamentos dos agentes económicos.

No entanto, acredito que no próximo orçamento de estado, possamos ver algumas medidas de reduções ou incentivos fiscais, e que dessa forma poderão induzir comportamentos em prol do crescimento verde. Uma das principais ferramentas será o Portugal 2020, que é o programa que coloca em Portugal os recursos financeiros da Comunidade Europeia. Dentro deste contexto, existe o Plano Operacional de Sustentabilidade e Eficiência na Utilização dos Recursos, que irá canalizar 4 mil milhões de euros para atividades que promovem o ambiente a nível regional. Além desta linha, também o Compete 2020 – programa dedicado ao financiamento de empresas – deverá ter algum financiamento destinado à promoção da sustentabilidade junto das empresas.

Qual tem vindo a ser o contributo das empresas para o Crescimento Verde e de que forma poderão as empresas aumentar qualitativamente o seu desempenho nessa área?

O papel das empresas para a economia verde é fundamental, pois é nas empresas que grande parte da inovação ocorre, que novos mercados são identificados e que novos produtos são desenvolvidos. Os dados europeus indicam que nos últimos 5 anos (anos de crise), o número de empresas a trabalhar o ambiente aumentou, tendo na realidade sido um sector que criou emprego. A nível europeu estima-se que a economia verde pode gerar 20 milhões de postos de trabalho até 2020. A fiscalidade verde, associada aos fundos comunitários que irão entrar em Portugal entre 2015 e 2020 contribuirão significativamente para isso. É importante também referir que Portugal tem vindo a assumir compromissos internacionais que vão ter implicações significativas na forma como a riqueza das empresas, autarquias e países é medida. Quero com isto dizer, que existe o compromisso de, até 2020, as autarquias e empresas começarem a integrar na suas contas anuais o valor económico dos seus ativos e passivos ambientais. Este é um desafio interessante e que vai mudar muita coisa!

E qual é, ou deve ser, o papel da Escola?

O papel da Escola é o principal. Só se conseguirá atingir uma economia verde e sustentável se as escolas ensinarem uma nova economia, uma nova gestão, uma nova forma de ver o mundo e de ligar os vários temas. As Escolas e as Universidades são o pilar essencial do crescimento verde. Para isso é necessário que os temas da economia e gestão se liguem de forma mais coerente com o ambiente, inovação e com a sociologia. Temos de conseguir desenvolver um modelo de ensino onde os alunos compreendam o futuro e sintam felicidade em trabalhar nesse sentido.

Recentemente alunos do Valsassina participaram na discussão pública do documento “Compromisso para o crescimento verde”. Como avalia a participação dos alunos neste processo?

A participação dos alunos do Valsassina foi um excelente exemplo de como os alunos podem e devem ser ouvidos nas discussões públicas. Na realidade, para maioria das políticas que têm uma discussão pública, são desenvolvidas reuniões e grupos de trabalho com empresas, associações e ONGs. No entanto, o resto da socie-

dade civil fica de fora. Os alunos constituem uma parte significativa dessa sociedade civil, e serão eles que irão viver com essas políticas públicas. Por isso mesmo, eles devem ser ouvidos. Eles devem dar a sua opinião. Os alunos do Valsassina revelaram uma maturidade elevada e um interesse significativo na identificação dos potenciais obstáculos e na sugestão de novas ideias que o Estado deveria implementar. Graças a este trabalho (que ocorreu também em outras 3 escolas na região de Lisboa e Santarém), o documento final do Compromisso para a Economia Verde irá ter um conjunto de medidas que, de outra forma, não teriam sido inseridas. Em breve esse documento estará publico e em breve saberemos exatamente as melhorias que os alunos foram capazes de induzir.

De que forma é que os impostos e as taxas municipais podem ser considerados ferramentas chave para atingir objectivos no âmbito do Crescimento Verde?

Como já referi anteriormente, este processo está-se a iniciar com alguma carga fiscal sobre os “poluidores”. No entanto já existem também outras medidas no âmbito da fiscalidade verde que irão já constar nas contas de IRS e IRC em 2015:

- Redução, em 50%, da taxa de IMI aplicável a prédios afectos à produção de energia a partir de fontes renováveis;
- Alargamento, de 2 para 3 anos, do prazo de isenção de IMI para os prédios objecto de reabilitação urbana;
- Os prédios rústicos integrados em áreas classificadas, podem vir a ter um benefício de IMI, através de uma redução da taxa aplicável em 50%, por parte dos respectivos municípios, sob proposta da Assembleia Municipal;
- Incentivo fiscal à actividade silvícola, que se traduz, na reformulação do cálculo do rendimento para efeitos da determinação da taxa de IRS;
- Possibilidade de dedução do IVA relativo à aquisição, fabrico ou importação, locação, utilização, transformação e reparação de viaturas de turismo eléctricas ou híbridas plugin;
- Incentivo fiscal ao abate de veículos em fim de vida para na aquisição de viaturas elétricas (€ 4.500), elétricos plug-in (€3.250) e quadriciclos pesados elétricos (€ 1.000);
- Incentivo aos sujeitos passivos de IRC e de IRS (com contabilidade organizada) à aquisição de bicicletas, bem como a introdução da taxa reduzida de IVA nos serviços de reparação de bicicletas.

Não há dúvida de que, quer incentivos, quer os impostos, a nível municipal, têm um papel importante na indução da economia verde. Para que surja de facto um Mercado da economia verde, é preciso criar o enquadramento que o origine. E esse enquadramento provem de uma política fiscal a vários níveis. Esperamos no entanto que num futuro próximo, também os municípios possam ter incentivos fiscais para promoverem, “pela positiva”, a economia verde.

Nas últimas semanas temos assistido a alguma polémica em torno de certas medidas, como por exemplo a taxa aplicada aos sacos de plástico. Em que medida é que as práticas sustentáveis são apresentadas como uma mais-valia pela sociedade?

Comunicar o ambiente é um problema. Comunicar o desenvolvimento sustentável também é. No entanto conseguimos ver exemplos fantásticos de comunicação efetiva e simples em algumas empresas internacionais. Vale a pena ver os vídeos que o Triodos bank cria para se comunicar. Em Portugal ainda estamos

a dar os primeiros passos nesse novo mundo que é a comunicação da sustentabilidade e do ambiente. Como estes temas não se ensinam de forma estruturada nas universidades, é natural que quem tenha de fazer uma campanha de comunicação e marketing, tenha dificuldades em fazê-la de forma bem sucedida. E na situação dos sacos de plástico esse problema aconteceu. As notícias relatadas pelos jornais, na grande maioria dos casos, destaca o custo adicional do saco. Quando na realidade, o que os jornais deveriam ter dito é que esta prática já existe na Holanda, Suíça, entre outros países, há mais de 20 anos. Também neste tema, os próprios jornalistas têm muito que aprender.

Estarão os consumidores sensibilizados para esta questão no momento da compra de um determinado produto?

Há imensos estudos académicos realizados em várias partes do mundo, sobre a forma como os consumidores reagem no ato da compra de um produto. A maioria dos estudos diz que, quando há informação explícita, simples e visível, sobre a componente ambiental ou de sustentabilidade de um produto, e o preço é o mesmo, então há um aumento da compra do produto que é mais amigo do ambiente. Em algumas sociedades esse aumento da compra acontece, mesmo quando os preços desses bens são um pouco superiores. Na minha opinião, os produtos que são mais amigos do ambiente deveriam ser sujeitos a uma maior comunicação nos próprios locais da compra. Ou seja, não se pode esperar que o cidadão vá à procura de informação sobre a qualidade ambiental dos produtos. Apenas um nicho da população o faz. Mas se queremos que esses produtos passem a ser comprados por muitos, então as marcas têm de comunicar essas práticas de forma simples mas forte, no acto da escolha.

Que conselho pode deixar para os jovens que, dentro de alguns anos serão os líderes políticos e/ou empresários.

Deixo dois conselhos:

1) Não deixem que o momento atual por que passamos afete a esperança de conseguirem viver numa sociedade mais justa e equilibrada: não eliminem a utopia das vossas vidas. Atualmente constatamos que a corrupção, a falta de honestidade e a ausência de integridade de grandes gestores e políticos tem sido uma constante no passado, e tal pode levar a que a geração jovem possa questionar se conseguirá alguma vez superar este sistema. O meu conselho é simples: acreditem que cada um de vós tem a força e a importância para mudar o sistema para um que seja humano, íntegro e solidário. Actuem em parceria, cooperem em vez de competir.

2) O futuro será muito diferente do presente. Se nos últimos 20 anos as principais mudanças se deram a nível tecnológico, penso que as principais mudanças dos próximos 20 anos se irão dar a nível ideológico. Basta ver o que alguns pioneiros da economia e gestão dizem, para constatarmos que novas abordagens à gestão e à economia vão surgir. Os gestores de hoje nunca conseguirão ser bem sucedidos no mundo de 2030. Em 2030 já teremos compreendido que a Teoria da Gestão Humanista, a teoria da Consciência, a Teoria dos Stakeholders, entre outras, serão aquelas que dominarão a gestão. Do líder racional iremos caminhar para um líder empático e humano, que consegue dessa forma criar felicidade a um grupo de pessoas que o ajudam a progredir. O futuro será muito mais centrado na felicidade e no bem comum.

educar para a sustentabilidade e para a cidadania



Participação na discussão pública do documento "Compromisso para o crescimento verde"

O documento 'Compromisso para o Crescimento Verde' esteve em discussão pública. No Valsassina considerámos que a possibilidade de envolver alunos num processo de discussão pública não só é coerente com todo o trabalho desenvolvido, designadamente através do projeto ecoValsassina, como uma oportunidade para o exercício de uma cidadania ativa.

A Economia Verde é um conjunto de processos produtivos (industriais, comerciais, agrícolas e de serviços) que, ao ser aplicado num determinado país ou local, pode gerar um desenvolvimento sustentável nos aspetos social e ambiental.

O principal objetivo da Economia Verde é o de possibilitar o desenvolvimento económico, compatibilizando-o com a igualdade social, erradicação da pobreza e melhoria do bem-estar da população, reduzindo os impactos ambientais negativos e a escassez ecológica. A aplicação deste tipo de economia permite uma maior sustentabilidade dos ecossistemas, melhoria da qualidade do ar e da água e maior eficiência no uso dos recursos, através da fomentação de atividades económicas verdes, que visam a proteção do ambiente.

Em Portugal, a aplicação da Economia Verde não só fomentaria a geração de empregos "verdes" e o progresso económico, como também combateria as causas do aquecimento global (emissões de CO₂), do consumo irracional de água potável e os fatores que geram a deterioração dos ecossistemas. Para além destes benefícios, levaria a uma diminuição da importação de combustíveis fósseis, aumento da eficiência energética e hídrica e ainda um reforço no peso das energias renováveis.

Tendo em conta o agravamento da crise climática, escassez de recursos hídricos e perda de biodiversidade, é imperativo agir perante um problema que sendo de todos, afetará em particular Portugal, pelas consequências das alterações climáticas nos recursos hídricos e no litoral. Deste modo, é urgente combinar, na área do ambiente e energia, o elevado potencial de recursos renováveis (energia eólica, solar e hídrica) e capital natural e ambiental de Portugal, nomeadamente no que diz respeito à valorização da elevada biodiversidade. Atualmente, esta economia já representa, globalmente, 4 bilhões de euros, crescendo 4% ao ano. Portugal é a 15ª economia verde dentro do ranking Global Green Economy Index 2014, elaborado pela consultora internacional Dual Citizens, que analisou os investimentos verdes de 60 países distribuídos por todos os continentes.

Deste modo, consideramos assim que a implementação de um sistema baseado na economia verde é determinante para Portugal.

Após a nação ter concluído com sucesso o Programa de Assistência Económica e Financeira monitorizado pela Troika, é essencial desenvolver uma visão pós-troika de longo prazo. Essa estratégia embora contribua para a conservação da responsabilidade orçamental, também compromete o lançamento de um novo ciclo de reformas estruturais e de investimentos produtivos em áreas estratégicas.

Portugal deve apostar na estratégia do crescimento verde, pois é necessário combater a situação de crise climática, a perda de biodiversidade e a degradação e escassez de recursos hídricos; deve superar os problemas estruturais significativos na área de recursos naturais; e deve beneficiar com as novas oportunidades económicas e de geração de emprego que advêm da política de crescimento verde.

De acordo com o Ministério do Ambiente, Ordenamento de Território e Energia os objetivos associados ao crescimento verde respondem completamente aos desafios proposto à sociedade portuguesa, podendo contribuir para o crescimento, emprego, redução da dependência do exterior, fiscalidade mais inteligente e melhoria da qualidade de vida.

Desta forma, será possível Portugal conciliar a redução do consumo de recursos naturais – indispensável para o ambiente – não só com o crescimento económico e social, mas também com a qualidade de vida.

Aspetos positivos associados à economia verde

A Economia Verde é transversal a todas as atividades. Não obstante, deverá ter como ponto de partida o investimento e valorização do capital natural, ou seja, a biodiversidade e os serviços dos ecossistemas (os quais são importantes bens comuns). Em particular, as florestas, os lagos, os pântanos e as bacias hidrográficas são componentes essenciais no capital natural ao nível dos ecossistemas, elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma economia verde. Uma economia verde será também essencial para a diminuição da pobreza contínua entendida como desigualdade social, relacionada com o acesso desigual à educação e formação, saúde e garantia de propriedade. Uma importante característica da aplicação de uma economia verde é o facto de procurar diversas oportunidades para o desenvolvimento económico e também tem um papel fundamental na diminuição da pobreza sem afetar o desenvolvimento do capital natural do país. Assim sendo, através da economia verde:

- Deve-se investir e valorizar o capital natural. Por exemplo, deve conduzir a uma visão da floresta como fonte de rendimento (recursos e serviços, com destaque para o turismo);
- É possível contribuir para a diminuição da pobreza contínua;
- É possível gerar empregos (a nível interno e sobretudo a nível local) e diminuir a desigualdade social;
- Promove-se a substituição dos combustíveis fósseis por energias renováveis e tecnologias de baixa emissão de carbono, o que contribui para uma menor dependência energética face ao estrangeiro; uma diminuição das emissões de CO₂ e consequente diminuição das licenças pagas;
- É possível um maior aproveitamento de recursos abundantes em Portugal (rios, mar, vento, etc.);
- Promove-se um estilo de vida urbana mais sustentável e uma mobilidade com baixa emissão de carbono. Além disso, contribui para diminuição da poluição e melhoria do ar e águas;
- É possível exportação de produtos como tecnologia verde;
- São geradas maiores possibilidades de investimento a nível local e nacional. Em simultâneo, potencia-se um maior destaque internacional do país, valorizando a sua imagem e potencial.

Consideramos ainda que estamos perante uma questão cultural, na qual entram em confronto os nossos valores morais e a necessidade de

mudar o paradigma atual associado a elevados padrões de consumo, em prol de um bem maior. Como tal, consideramos fundamental desenvolver medidas e políticas que integrem a proteção do ambiente, a prosperidade económica e a equidade social das comunidades.

Entendemos que a Economia Verde é uma mais-valia para o país nos mais diversificados aspetos e que através desta é possível alterar a presente situação económica do país, tornando-nos numa nação mais competitiva do ponto de vista económico face ao exterior e, simultaneamente, mais ecológica. No entanto, consideramos que há certos aspetos que necessitam de ser trabalhados, um dos quais particularmente sensível e importante como é o da educação e comunicação com a população. Se não conseguirmos alterar os hábitos dos cidadãos, muitas das medidas serão de difícil aplicação, senão menos impossível. Acreditamos que, no entanto, este quadro é passível de alteração através da sensibilização e informação, com estratégias inovadoras e persuasivas que consigam transmitir a importância que este assunto tem para (não só) as nossas vidas e as das (mas também para as das) gerações futuras.

Pelo exposto, sustentamos que a economia verde é determinante para Portugal e a sua efetiva implementação deve ser alicerçada nos seguintes princípios:

- Envolver as populações na identificação das suas necessidades e interesses comuns;
- Responsabilizar e comprometer as comunidades locais com processos de mudança e de transformação social tendo por base os seus problemas;
- Assegurar que cada pessoa seja uma agente de mudança social a nível local na perspetiva de uma sociedade interdependente e globalizada.

11º1A e 11º2. Trabalho desenvolvido nas disciplinas de Biologia e Geologia, Filosofia, Economia e Ed. para a Cidadania



educar para uma cidadania ambiental e responsável

Jardins Zoológicos: Educar para conservar

Entre 17 e 20 de fevereiro realizou-se uma Missão dos Jovens Repórteres para o Ambiente ao Jardim Zoológico de Lisboa.

Esta foi constituída por trabalho de campo, entrevistas, trabalho em grupo, produção de artigos e outros trabalhos de comunicação. O enfoque das reportagens relacionou-se com o papel dos Jardins Zoológicos na conservação “ex-situ”: oportunidades e desafios.

Foram selecionados 18 jovens de todo o país, sendo que do Colégio Valsassina participaram os alunos Duarte Martins (8ºB) e Mafalda Gomes (11º1A).



"A valorização, a riqueza e a conservação da biodiversidade são aspetos de extrema importância."

No mundo existem cerca de 8,7 milhões de espécies e dessas 16000 estão em extinção. É graças aos Jardins Zoológicos que muitas delas ainda se encontram no nosso planeta. Ao longo dos anos as condições destes parques têm vindo a melhorar, procurando oferecer altos padrões de bem-estar animal e de reprodução de espécies.

O Jardim Zoológico de Lisboa foi fundado em 1884. Passados 131 anos de existência o seu principal objetivo continua o mesmo: promover a biodiversidade e oferecer um bem-estar aos seus animais. Atualmente, é um lugar onde não só é possível promover a conservação da biodiversidade, mas também a educação e a componente de lazer.

A melhor estratégia para a conservação, a longo prazo, da biodiversidade é a preservação das populações e das comunidades em condições naturais: conservação *in-situ*. Contudo, ao longo dos últimos anos tem-se assistido a um declínio das espécies em condições naturais como resultado de:

- Destruição de habitats e/ou fragmentação de habitats;
- Introdução de espécies exóticas;
- Caça excessiva;
- Alterações climáticas (em particular, o aquecimento global).

Perante este cenário, atualmente, a conservação *ex-situ* é muitas vezes a única opção viável para evitar a extinção de espécies raras. Neste processo, os Jardins Zoológicos têm cada vez mais um papel importante no combate à redução da biodiversidade. Estes estabelecimentos procuram recriar as condições que os animais teriam no seu habitat natural, garantindo o bem-estar animal, lembrando sempre: “Um animal feliz no Zoo é aquele que se consegue reproduzir (muitas vezes).” Há sempre uma especial atenção para que os seres vivos se sintam sempre em “casa” e para tal é necessário um regime alimentar e condições naturais semelhantes ao que era habitual no estado selvagem. Deste modo, indivíduos de populações *ex-situ* localizados em Jardins Zoológicos, poderão ser utilizados para:

- Aumentar as populações alvo de conservação *in-situ* investigação sobre a biologia da espécie. Ao longo dos últimos anos os Zoológicos têm trabalhado no sentido de criar condições para a reprodução de animais em cativeiro. Sempre que possível, há animais que são introduzidos nos seus habitats, como o caso do Lince Ibérico.
- Evitar a captura de indivíduos selvagens para estudo e exibição;
- Promover a educação e sensibilização do público para a necessidade de preservação. Os zoológicos também têm o papel de lembrar as pessoas que há milhares de animais do mundo em extinção. Desta forma, é possível sensibilizar e alertar as pessoas para problemas mundiais relacionados com a Vida Animal, fazendo assim com que estas tenham atitudes mais corretas. Em conclusão, os Jardins Zoológicos têm um importante papel na conservação da biodiversidade, combatendo a redução da mesma. A valorização, a riqueza e a conservação da biodiversidade são aspetos de extrema importância. Por exemplo, os seres vivos podem ser utilizados na nossa alimentação, no tratamento de doenças, no controle de pragas, na indústria, ... etc. Por outro lado os seres vivos têm um importante papel ecológico (fotosíntese, formação e manutenção dos solos, ciclo dos nutrientes, ciclo hidrológico... etc.).

"A grandeza de uma nação e o seu progresso moral podem ser julgados pelo modo como tratam os animais."



Deste modo, a conservação *ex-situ*, promovida pelos Zoos, e a conservação *in-situ* são estratégias complementares, sendo que os Jardins Zoológicos assumem-se hoje em dia como um dos pilares da conservação das espécies.

Duarte Martins. 8ºB Jovem Repórter para o Ambiente

Hospital Veterinário do Jardim Zoológico de Lisboa: De mãos dadas com a Biodiversidade

Numa instituição onde coexistem mais de 2000 animais, os cuidados veterinários desempenham um papel fundamental na manutenção do equilíbrio e bem-estar animal. No hospital veterinário do Jardim Zoológico de Lisboa, todos os “pacientes” usufruem de um tratamento especial e personalizado. Recentemente consagrado o melhor hospital veterinário da Europa, este espaço continua a destacar-se como um dos polos para o tratamento e estudo de animais exóticos a nível mundial.

O Jardim Zoológico de Lisboa, membro da *World Association of Zoos and Aquariums* (WAZA) e da *European Association of Zoos and Aquariums* (EAZA) desde 1992, participa ativamente em programas de reprodução em cativeiro, em parcerias com entidades internacionais focadas na gestão e conservação de espécies. Com este objetivo, o hospital veterinário do Jardim Zoológico de Lisboa dinamiza trocas de materiais biológicos, para a conservação dos recursos genéticos de diversas espécies. Para tal, procede-se à recolha de sêmen e posterior conservação em azoto líquido. Efetivamente, exemplares de chitas foram inseminadas artificialmente, com uma alta taxa de sucesso. Esta é uma prática que tem vindo a aumentar nos últimos anos, pois aumenta a variabilidade genética de populações. Neste aspeto, existe uma grande colaboração a nível internacional, uma vez que há um esforço mundial para a diminuição do índice de consanguinidade de populações mantidas em cativeiro.

Para além disso, especialistas de várias valências e instituições também participam no projeto, realçando o espírito de cooperação que rege a organização. Recentemente, um desses exemplos foi a realização de cirurgias às cataratas a quatro leões-marinhos, por uma oftalmologista norte-americana.

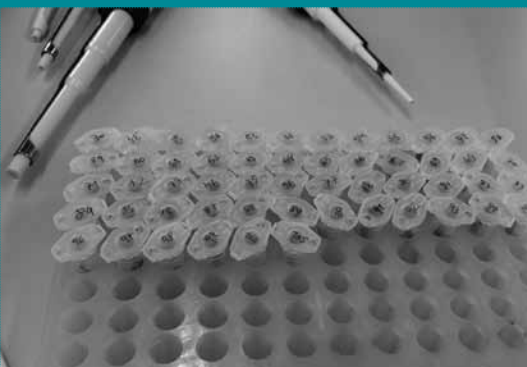
Todos os animais do Jardim Zoológico de Lisboa usufruem de consultas de rotina, tais como desparasitação ou mesmo monitorização da gravidez, pela realização de ecografias ou medição dos níveis de progesterona (hormona feminina) nas fezes, que permite a confirmação de uma possível gravidez. Aquando do nascimento, progenitoras e crias são também examinadas no recinto do hospital. Por vezes, a equipa veterinária realiza igualmente partos assistidos, com o indispensável auxílio dos tratadores que contribuem para o relaxamento dos animais em examinação.

Durante todo o ano, a equipa veterinária não tem mãos a medir. Constituída por quatro veterinários em escala e dois no terreno, o dia-a-dia no hospital veterinário é bastante intensivo para assegurar os cuidados de saúde a todos os habitantes do zoo. Contudo, na Primavera, o fluxo de “pacientes” aumenta em larga escala, já que a maioria dos indivíduos se encontra em período de acasalamento, o que potencia lutas territoriais.

O hospital veterinário aposta grandemente na parte cirúrgica, possuindo dois blocos operatórios para animais de pequeno e grande porte. O bloco operatório está equipado com equipamentos de alta tecnologia, permitindo a realização de vários tipos de intervenções cirúrgicas. No pós-operatório, os animais convalescentes são alojados em unidades específicas: Aves, Primatas, Carnívoros e Répteis. Para além da parte clínica, são também desenvolvidos projetos de investigação, com incidência nos animais exóticos.

O hospital veterinário do Jardim Zoológico de Lisboa oferece variadas valências, fornecendo apoio clínico a um projeto educacional com mais de 130 anos de história. Citando Mahatma Gandhi: “A grandeza de uma nação e o seu progresso moral podem ser julgados pelo modo como tratam os animais.”

Mafalda Gomes (Colégio Valsassina, 11º1A), **João Souto** (Escola Sec. Aurélia de Sousa, Porto) e **Tomás Ribeiro** (Escola Sec. José Saramago, Mafra).
Jovens Repórteres para o Ambiente.



A possibilidade de desenvolver um projeto de investigação tem permitido desenvolver competências e capacidades de trabalho em meio científico, que de outra maneira só teríamos em contexto laboral. Tem sido crucial para o nosso desenvolvimento pessoal, uma vez que tivemos a oportunidade de definir um problema e definir metodologias para o solucionar. Além disso, tem sido possível trabalhar com profissionais da área. Está a ser uma experiência enriquecedora e gratificante.

Gil Oliveira e Martim Nabais. 11º1A

têm capacidade de se autocopiar e de se inserirem em novos locais do genoma. Neste processo intervém a enzima transcriptase reversa, logo estes elementos móveis são designados por retrotransposições. Estas inserções Alu encontram-se apenas nos primatas e são herdadas de forma mendeliana de pais para filhos.

A maioria das inserções Alu existem no mesmo locus nos dois cromossomas homólogos. No entanto, algumas destas inserções são dimórficas, podem existir ou não em cada um dos homólogos, constituindo assim um locus polimórfico. Um exemplo de uma inserção Alu dimórfica é a sequência Alu PV92, localizada no cromossoma 16. Existem dois alelos para este polimorfismo, correspondendo à presença (+) ou ausência (-) da inserção. A combinação dos dois alelos resulta em 3 genótipos PV92 (+ +; + -; - -). O objectivo deste projeto é a genotipagem de vários alunos para o polimorfismo Alu PV92.

Madalena Carvalho e Rita Pinto. 11º1A

Trabalho desenvolvido no âmbito da disciplina de Biologia e Geologia. Este projeto está a ser realizado com a parceria do Instituto de Medicina Molecular, contando com o apoio e disponibilidade das Doutoradas Teresa Carvalho e Sandra Martins, sem as quais não seria possível o seu desenvolvimento.

Kit de prevenção ao consumo involuntário de GHB

O termo Toxicologia Social é designado para a área que estuda os efeitos nocivos decorrentes do uso de drogas ou fármacos não medicados, com prejuízos ao próprio utilizador e à sociedade. Trata do estudo das chamadas “drogas de abuso”, lícitas ou não, cujo uso, sempre voluntário, visa modificar o estado de consciência ou evitar o desconforto ocasionado pela interrupção do uso da substância, mesmo que por um curto período de tempo.

Hoje em dia vários estudos referem que o número de violações quer no sexo masculino quer no sexo feminino tem vindo a aumentar. Consultando dados estatísticos, mundialmente, em 2000 registava-se um em cada vinte casos de mulheres violadas e um em cada trinta e três casos em homens. Atualmente, uma em quatro mulheres é violada, enquanto, que nos homens, um em cada dez. Assim, pensamos que o nosso projeto pudesse dar um contributo para a prevenção deste tipo de situações.

Como tal, temos como objetivo desta investigação identificar a droga GHB nas bebidas (alcoólicas/ não alcoólicas) através do desenvolvimento de um pequeno kit portátil.

O GBH (Ácido Gama - Hidroxibutírico), também conhecido por Ecstasy líquido ou Scoop, é uma substância cujo efeito surge cerca de 20 minutos após a sua ingestão e pode durar até 6 horas e que se apresenta quer em líquido quer em pó, e que não possui nem cheiro nem cor, facilitando assim a sua junção a bebidas.

O GHB ganhou importância enquanto uma droga recreacional, sendo principalmente usada por frequentadores de discotecas e raves. Tal facto, fez com que comesçassem a surgir uma série de substâncias análogas, as quais quando estão no organismo transformam-se em GHB.

Pode-se encontrar com maior facilidade em bares, festas e discotecas e afeta o coração, os pulmões, o sistema nervoso e pode inclusive, colocar o consumidor em risco de vida. Para além do seu efeito afrodisíaco, de desinibição e de proporcionar uma maior sensibilidade ao toque, uma outra característica que distingue esta droga é a amnésia que esta provoca, e que, como tal, pode apagar grande parte das memórias relativas às ações e aos comportamentos tidos sob o efeito da GHB. A GHB foi apelidada de “droga da violação”, simplesmente pelo facto de esta ser considerada auxiliar de abusos sexuais e violações.

Inês Pinto, Sara Silveira e Rita Hormigo. 12º1A.

Trabalho desenvolvido no âmbito da disciplina de Biologia. Este projecto conta com o apoio da Dra. Helena Gaspar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

educar para as artes



Perder o medo de desenhar

Sofia Caranova. Professora de Artes Visuais

O desenho é mais do que capacidade de expressão é sobretudo atitude perante o mundo. O desenho de observação é a forma mais eficaz de desenvolvermos as nossas aptidões para o desenho. Saber ver, saber representar é fundamental para quem escolhe o desenho como forma de comunicar ideias e sensações.

O programa da disciplina do ensino secundário tem uma forte componente de desenho de observação. Sendo uma das finalidades, desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação.

Diversidade de temas representação de formas naturais e formas artificiais, mas sobretudo é importante que os alunos nesta área, aprendam a arriscar um risco.

Acreditar que o desenho se aprende, que a evolução depende da dedicação e trabalho de cada aluno, que é importante insistir na prática, não desmotivar perante uma dificuldade ou insucesso, pensar que para fazer melhor o ideal seria desenhar todos os dias e que sem darmos por isso a mão ganha um à-vontade próprio.

O desafio lançado aos alunos no 2º período foi, e dentro da temática do desenho de observação, explorarem o universo dos insetos. O tema pretendeu ser um fator de motivação e apesar de alguma complexidade na morfologia, os resultados alcançados, bem como a atitude dos alunos em geral superou as expectativas iniciais.

Comentário de [alunos do 10º4](#) à unidade de trabalho proposta:

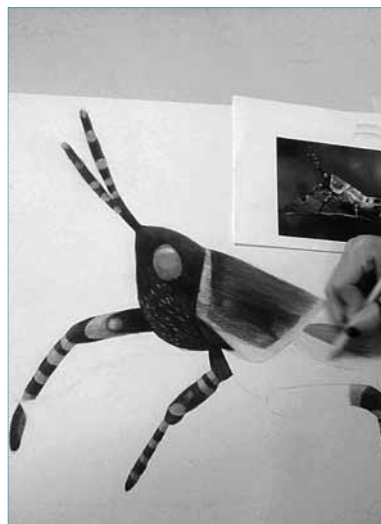
“Ao resolver os dois exercícios, consegui evoluir ao nível do meu traço e explorar várias e diferentes formas/estratégias para alcançar o pretendido. Achei interessante trabalhar o tema dos insectos, é um mundo com bastante pormenor.” [Francisco Correia](#)

“Ao realizar este trabalho consegui entender e observar a beleza do mundo dos insetos.” [Cesar Maurício](#)

“Estes dois exercícios foram bastante inspiradores. Tive algumas dificuldades no traçado da forma, mas toda a gente tem dificuldade em algo. Isso é inevitável.” [Raquel Carriço](#)

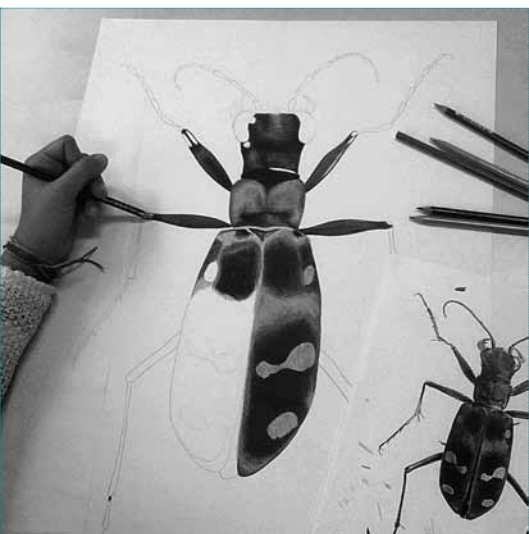


Trabalho de [Beatriz Neto](#)

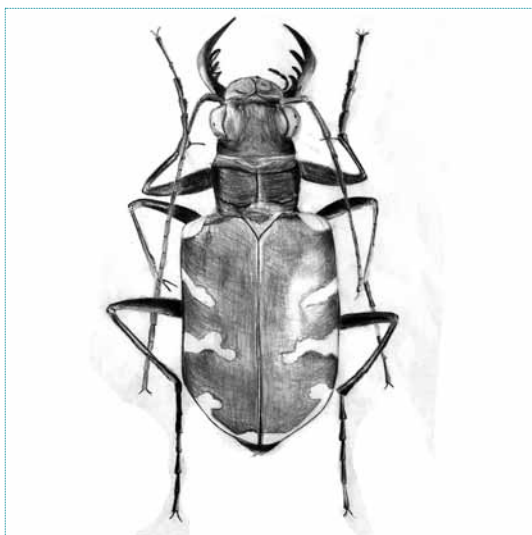


Trabalho de [Raquel Carriço](#)





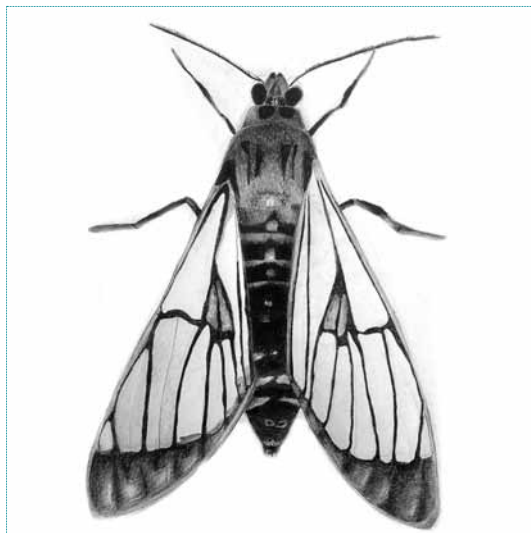
Trabalho de **Rita Marques**



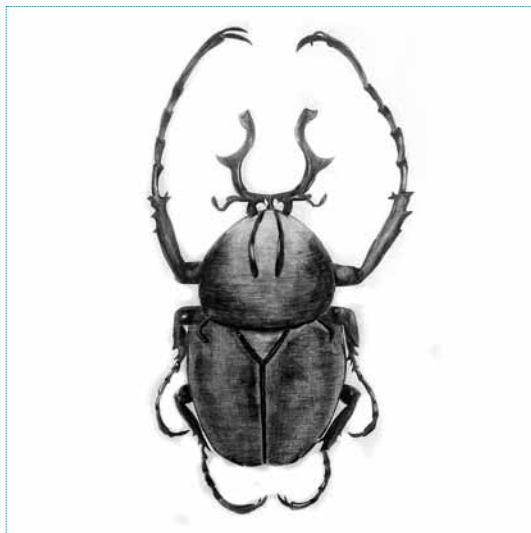
Trabalho de **Beatriz Pereira**



Trabalho de **César Maurício**



Trabalho de **Francisco Correia**



Trabalho de **Nuno Rodrigues**

educar para os valores e para a tolerância

A Tolerância

No âmbito da disciplina de filosofia do 10º ano a propósito da unidade relativa aos valores, os alunos foram desafiados a analisar um texto do filósofo contemporâneo André Comte Sponville que aborda a questão da tolerância relativamente à diversidade de cultural e axiológica. Este texto foi o ponto de partida para um trabalho de reflexão por parte dos alunos.

A tolerância é um valor de que não faz sentido falar, quando olhamos por uma perspetiva científica, pois as respostas nesta área, por exemplo na Matemática, são diretas e indiscutíveis.

No entanto, quando falamos num assunto que está diretamente direcionado para questões ideológicas, culturais, religiosas, filosófica entre outras, ou seja, que envolvem a opinião própria de cada um de nós, falamos da tolerância. Isto porque nestas questões nenhuma resposta está correta e as outras erradas, por exemplo uma religião não pode estar mal ou bem, pois esta tem a ver com aquilo em que cada um de nós acredita. Assim, falamos de tolerância, pois “temos de saber tolerar” aquilo em que os outros são crentes, ainda que não sejamos devotos dessa forma de pensar ou mesmo contra a mesma.

Apesar de termos de saber tolerar as crenças de todas as pessoas, não podemos tolerar tudo com uma universalidade única, pois isso seria condenar todos aqueles que sofrem. Esta atitude de tudo tolerar não seria considerada tolerância, mas sim desinteresse, neste caso pelos que sofrem, (e uma total) prova do nosso egoísmo. Também a posse do poder por parte daqueles que são inevitavelmente intolerantes para com todos os outros, acabaria por dar uma oportunidade aos mesmos de aniquilar todos aqueles que são tolerantes, e é por isso que, com aqueles que são intolerantes, não podemos ser tolerantes, daí não podermos aplicar o princípio de uma tolerância universal.

Ao sermos tolerantes já vimos que não devemos tolerar aqueles que são intolerantes para com alguém, todavia, será a tolerância tolerar só aqueles que são tolerantes? Não. A tolerância consiste em tolerar, não só aqueles que são tolerantes para connosco, mas também aqueles que não se mostram tolerantes para connosco mesmos ou para com alguém, pois se fôssemos unicamente tolerantes com os tolerantes, não o seríamos efetivamente. Isto quer assim dizer que ser tolerante, não é só sê-lo com aqueles que o verdadeiramente são, mas sim com todos, desde que os valores a que cada um de nós tem direito não sejam comprometidos.

Assim, a tolerância revela-se um valor que deve ser ativo e dinâmico e exercido de forma inteligente e consciente por cada um de nós.

João Nicolau, 10º1A

A tolerância é um valor necessário para a vida em sociedade, desde pequenos que somos ensinados a ser tolerantes, a respeitar as outras pessoas e as opiniões diferentes das nossas, visto que à várias ideias que não se podem comprovar. Isto é algo que parece estar muito claro nas nossas mentes, parece ser um conceito muito simples de compreender, mas ao ir mas além observamos que a tolerância é algo muito mais complexo.

A maior parte das pessoas considera a tolerância num valor importantíssimo e que devemos ser o mais tolerantes possível para com os outros de forma a ter uma sociedade equilibrada, no entanto algo que as pessoas não param para pensar é que, não só a tolerância tem os seus limites, como pode ser algo bastante contraditório. Quando toleramos não devemos só tolerar as situações que nos afetam, mas também aquelas que se relacionam com os outros, sendo de forma positiva ou negativa. Isto levanta uma questão importante que se encontra no texto de André Comte-Sponville, que é: pelo conceito que as pessoas têm da tolerância, se se tolera a Bíblia também não se devia tolerar, por exemplo, Mein Kampf (obra onde Adolf Hitler explica os seus ideais políticos e os seus planos futuros para a Alemanha)? Através desta questão apercebemo-nos que, quando se tem uma tolerância ilimitada, o que nos soa a algo muito bom, é completamente o contrário, a tolerância ilimitada é igual a passividade e à cobardia, é fechar os olhos a todas as injustiças e a todas as atrocidades que um ser humano é capaz de fazer, o que no final pode acabar por nos destruir visto que os outros podem não aceitar essa nossa tolerância.

Assim, chegamos a um dilema, quando devemos e quando não devemos ser tolerantes. Eu penso que devemos ser tolerantes de forma a viver na sociedade de hoje, mas se formos demasiado tolerantes vamos contradizer uma série de valores que são tão importantes como a tolerância e que não só nos definem em quanto pessoas como irão definir a nossa sociedade e o nosso planeta. Assim, eu penso que a tolerância, deve ser exercida de forma inteligente e dinâmica, cada situação deve ser devidamente avaliada e refletida tendo em conta os valores e os princípios pelos quais nos queremos seguir.

Joana Costa, 10º 1A



No mundo onde a diversidade cultural, científica e religiosa é tão frequente, devemos tolerar opiniões diferentes da nossa. Não é possível, em todas as áreas, comprovar que temos cem por cento da razão. Por esta razão, devemos tolerar as ideias diferentes das nossas.

A tolerância define a nossa aceitação perante elementos contrários a uma regra moral, cultural, cívica ou física. Ao fim ao cabo, tolerar é aceitar as opiniões diferentes das nossas, visto que, em certas áreas, não é possível provar que somos os donos da razão. Porém, o ato de tolerar não é assim tão linear. A nossa existência baseia-se na retaliação: reagimos às ações dos outros sob nós. Tolerar é também chamar a si a tolerância de não tolerar.

A nossa tolerância também não deve ser ilimitada. Se assim for, tornamo-nos em pessoas indiferentes e passivas para com o que se passa pelo mundo e à nossa volta. A tolerância tem, assim, como limite, a não tolerância. Não podemos tolerar aqueles que não toleram as opiniões dos outros. Por exemplo, tal como o autor trata no texto, não devemos tolerar Hitler, porque isso seria tornar-se "cúmplice" dele. Se Hitler não tolerava os outros povos, neste caso, os Judeus, não o devemos tolerar.

O grande desafio que advém das ensinações da Bíblia é "ser amigo de quem não é nosso amigo" e "perdoar aqueles que nos ofenderam". Ora, isto pode ser bastante complicado, porque não faz sentido tolerar a quem não nos tolera. Por esta razão, estes ensinamentos são uns verdadeiros desafios. Nós não somos seres insensíveis e protestamos contra aquilo que de mal fazem para connosco.

Também não devemos ser corretos apenas com os que para comigo são corretos. Não podemos ser virtuosos apenas quando os outros são. O autor deixa um desafio aos seus leitores: limitar a tolerância com a não tolerância. Devemos ter cuidado com ela e com os seus inimigos. Se não formos cuidadosos, podemos sair prejudicados, ao sermos tolerantes com os que não o são para nós. Ao mesmo tempo, também temos de ter tolerância para com estas pessoas.

Ao fim ao cabo, o conselho que o autor dá ao leitor é usar uma tolerância de uma forma inteligente e equilibrada, resguardando-nos das injustiças do mundo e da vida.

Maria Inês Gama, 10º1A

No passado, as pessoas viviam segundo as suas crenças e certezas religiosas. Acreditavam piamente em Deus e na sua força divina, logo prestavam-lhe "vassalagem", isto é, seguiam-no cegamente e nunca duvidavam que este era o responsável pela criação do mundo e pelos efeitos subsequentes a esta grande obra divina. Todavia, com o passar do tempo, a sociedade passou a adquirir outros hábitos, a mudar as suas ambições e a avaliar as repercussões da vida de outra forma. O Homem iniciou uma época de individualidade e de reflexão.

A grande mudança teve lugar em Inglaterra no século XVIII. Este fenómeno foi designado por Revolução Industrial e consistiu efetivamente numa mudança de hábitos de vida e culturais, da emergência de novas prioridades, nomeadamente o apego aos bens materiais e uma crescente clivagem da hierarquia social.

Na minha perspetiva, o mundo Ocidental, apesar das suas fragilidades, apresenta uma base consistente, no sentido em que defende abertamente os direitos do Homem, ou seja, tenta combater os preconceitos e os estereótipos que se foram formando. Passou a defender a Ciência, o conhecimento, desenvolveu projetos e programas que difundissem a instrução para permitir que houvesse um maior acesso ao mesmo, procurou estabelecer a equidade social (empenho para impor a imparcialidade), esforçando-se por nivelar as diferenças mais visíveis, e preocupou-se em inverter os princípios base da sociedade, propondo outros valores que permitiam satisfazer, na generalidade, as necessidades prioritárias dos indivíduos. Essas necessidades eram exatamente a falta de amabilidade, compreensão e altruísmo que pareciam não residir no espírito do Homem. Contudo, tomaram-se precauções e principiou-se uma corrente de pensamento e de valores que denotava características diferentes das anteriores.

Em suma, é-nos possível declarar que o homem, no passado, tinha certezas religiosas e morais "imutáveis", mas hoje em dia verifica-se que se vivem tempos de mudança, não só a nível político, económico e cultural, como também ao nível axiológico. O eixo essencial do Homem deixou de se localizar na figura de Deus, na mensagem divina, nos desígnios Deste e nas crenças religiosas e valores que derivavam da existência de Deus, do divino ou de qualquer outro discurso que constava nos livros de inspiração divina, nomeadamente a Bíblia e o Alcorão, passando a situar-se nas coisas efémeras, nos materiais que nos rodeiam. Vive-se intensamente esta nova realidade mais palpável, mas menos substancial, porque existe uma dessacralização dos valores considerados prioritários. Para concluir, o texto de F. Alberoni e S. Veca (O Altruísmo e a Moral) evidencia que o homem acaba por se tornar o autor dos seus valores e da sua autonomia, por isso necessita de viver por ele mesmo, apesar de não saber especificamente a essência e o significado da vida.

Cláudia Marques, 10º2

25 thousand protesters, it seems that there is in fact a considerable part of a population that agrees on xenophobic principles, such as PEGIDA's.

These alarming numbers can be seen through the continent of Europe, from Greece to France, from Germany to Hungary and many more will be sure to follow. It is our duty, as humans, to avoid repeating the mistakes of our past.

Honestly, I like to believe that the human being is naturally benevolent, make no mistake, but the trouble lies on other humans who are unwilling to accept concepts such as multiculturalism, and oppose to cooperate with people of different religions or ethnicities or sexual choices. These, my friends, are the real minorities, not Muslims, not Christians, not Jews, not Hindus, not Buddhists nor any other belief or lack of belief. "Jew, gentile, black men, white. We all want to help one another." Such were the words of Charlie Chaplin. Let us not allow ourselves to have the hideous actions of intolerants who imposed themselves over human freedom be repeated, but instead commit ourselves to make sure that does not happen ever again.

César Sousa, 11°1B

To see with a fresh pair of eyes

Throughout our existence, humankind has faced several wars, a lot of them that seemed never-ending and reached horrific proportions. You would think that after hundreds of wars that left behind a trail of destruction and death, humankind would know better by now. But it seems we never learn.

Nowadays we face the problem of terrorism motivated by religious reasons, but instead of trying to avoid past mistakes, we keep on making the same ones, by disrespecting other cultures and religions. Today, I hope to convince you that we should take a look at what we are doing wrong in the Western world, namely having discriminatory attitudes, especially when it comes to Islam.

I was born in 1998 and since then I have grown up with the war in Iraq, Afghanistan, the Israeli-Palestinian conflict and several terrorist attacks – 9/11 (in 2001), the attacks on the London Underground (in 2005) and now, the Charlie Hebdo shooting. The rashest conclusion to draw is that all these conflicts have Islamism in common. But what we fail to understand is that Muslims are not terrorists, fanatics or all the other words that a lot of people use to describe them. And I'll tell you why.

Do you think that all Muslims support what happened in Paris on the Charlie Hebdo's headquarters? If you think so, let me tell you just how wrong you are. Did you know that one of the security guards in the building was a Muslim? And did you know that 28 Muslims died in the twin towers of the World Trade Center and other three were among the passengers on the two hijacked planes? They are victims of these brutal acts of terrorism too.

However, whenever terrorist attacks like these happen, we all turn our eyes to Muslims and start treating all of them with dis-

trust and hatred (if we didn't do it already). The other day a friend of mine, who is a Muslim, went on a school trip to the USA Embassy here in Lisbon and at the entrance a security guard asked her, and only her out of everyone that was there, if she was carrying bombs or knives in her backpack. I mean, really?

First of all, how could he be so sure that she was a Muslim? Yes, she appears to be Indian, but since when is Islam the main religion in India? It represents only 13,8% of the population. She could easily be Christian, Hindu or even an atheist. Besides, do all Muslims look like Muslims? Do you think all Muslims have dark skin or wear a burka? What a preconception! Is this really the 21st century or are we living in the 1500s and I just haven't noticed it?

Another thing is: the ones responsible for the Charlie Hebdo attack were called (and rightly so) terrorists, but in no newspaper was the man responsible for the Chapel Hill shooting two days ago, where three young Muslims were killed in North Carolina, called a terrorist. So tell me, what is the difference between the two shootings? Is it because in the first one they used military weapons and killed 12 people, whereas in the second one the shooter used an ordinary gun and "only" killed 3? I don't think so.

The truth is, the ones responsible for a lot of the acts of terrorism that we have witnessed in the recent past, from 9/11 to the shooting in Paris, may be Muslims, yes, but not every Muslim is a terrorist. Besides, there are all these other acts of terrorism that aren't even covered by the media. There is no excuse for the kind of intolerance that we, in the Western World, have towards them and the discrimination they suffer, despite every reason we might have to fear terrorist attacks.

Did you know that Islam is the fastest growing religion in Europe? The Muslim population in Europe was about 30 million in 1990, 44 million in 2010 and is expected to increase to 58 million by 2030. Don't you think it is about time to erase all the preconceptions we have about Muslims and start treating them with the respect they deserve? We must see things with a fresh pair of eyes. Otherwise, how will we be able to live in peace with those 58 million Muslims? The answer is: we won't.

I know that most of you probably won't agree with me, most of you will think that I'm just saying this because I was not one of the victims of these attacks, but the truth is we are all potential victims of radicals. We must understand that we are all a part of this and that one way or the other, we are all collateral damage, whether we are Christian or Muslim.

Maria Carolina Gonçalves, 11°2

educar para a criatividade e escrita

"Nunca esquecerei os momentos passados na quinta e como eles me transformaram, tornando-me numa pessoa mais feliz."



Fotografia de Zaneta Bringel,
mãe de um aluno do 10º Ano

Estudar num espaço Quinta

No âmbito da promoção de um conjunto de atividades sobre o espaço quinta do Colégio Valsassina, lançou-se um concurso literário para os alunos do 2º e 3º ciclos.

Foi constituído um júri, multidisciplinar, que se pronunciou sobre os textos apresentados pelos alunos. Estes reflectem acima de tudo as suas memórias recentes do contacto e vivência com o grande espaço da quinta.

Apresentamos de seguida os trabalhos distinguidos com os três primeiros lugares.

Memórias Marcantes

Ainda me lembro quando pela primeira vez pisei este chão, era duro, e eu estava rodeado de muita gente, só via caras desconhecidas por todo o lado e nunca supus que me iria integrar tão bem.

Dias passaram, tornando-se semanas, meses, anos... Fui fazendo amizades e conhecendo todos os anos novas caras.

Quando fui pela minha primeira vez à quinta, que grande que era! Tinha balizas, bolas de futebol e também tinha muita gente a jogar, a brincar ou só a conversar.

Ficava sempre muito contente quando a Pilar chegava ao recreio da primária e gritava: "QUINTA!". A alegria que se sentia não dá para descrever com simples palavras, só se ouvia gritos e via-se gente a saltar e a correr.

Logo que chegávamos lá em baixo, regras eram postas, nada de ir para os montes ou lá para baixo de tudo, senão íamos lá para cima, que era como a prisão!

Lembro-me de jogar à bola; que bem que me sentia sem ter uma multidão de gente em cima de mim a gritar e a embirrar por ter chutado a bola deles.

Na quinta, quando se via alunos do 7º, 8º, 9º, por aí em diante, sabia-se que ia haver confusão, pois a primeira coisa que faziam era roubar-nos a baliza e dizer: "Quando forem mais velhos roubam vocês.", o que me deixava muito transtornado.

Para além de jogar à bola, íamos para os montes, sabendo que era proibido e que se fôssemos apanhados íamos de castigo, mas divertíamos-nos muito, jogando às escondidas, brincando aos polícias e ladrões e até ao faz de conta.

A minha infância neste Colégio está cheia de memórias que é impossível exprimir numa só página de papel. Nunca esquecerei os momentos passados na quinta e como eles me transformaram, tornando-me numa pessoa mais feliz.

Miguel Aguiar, 8ºC

A nossa quinta, o nosso espaço...

A Quinta das Teresinhas
Trabalha para eu crescer,
Fará parte da minha vida,
Tenho-lhe muito a agradecer.

Quando vou para lá,
Há sempre algo para fazer,
Brincar, correr, saltar,
E, claro, aprender!

Na planta eu sou o botão
E mais tarde vou florescer,
Para durante o verão amadurecer
E no inverno aprender.

Ao longo da rampa,
Corro desvairadamente
Ainda dou uma estampa,
Pouco cautelosamente...

Pelos livros da biblioteca vou estudar,
Pelos cadernos vou anotar
Tudo o que o professor vai citar,
Assim tenho a certeza das notas
que vou tirar!

Na escola trabalho o presente
Para preparar o futuro.
Tenho muito que aprender,
Não há tempo a perder!

No refeitório vou almoçar
Forças irei ganhar,
Para no resto do dia trabalhar
E para as aulas aproveitar.

No bar vou petiscar
Com os amigos conversar
E as empregadas massacrar
Com os meninos a berrar.

No campo irei vencer,
Capacidades irei desenvolver,
E enquanto corro vejo o pó a esvoaçar
Por entre as minhas pernas irá dançar.

Nas salas irei trabalhar,
Com pincéis criarei arte,
Com os livros irei pensar
E claro irei desconcentrar-me
E começar a conversar.

Para finalizar
Posso afirmar
Que tenho o coração para amar
Esta escola de encantar.

Inês Galvão, 6ªA

A nossa quinta, o nosso espaço

A Quinta das Teresinhas é o meu espaço preferido no Colégio Valsassina. Aqui tenho vivido várias brincadeiras, peripécias, memórias únicas passadas com os meus amigos que vou lembrar até ser velhota.

Entre para o Valsa no meu 2ºano do básico e, desde logo, fiquei fascinada quando um dia nos deixaram ir brincar para a quinta. Contudo, durante o básico, só podíamos ir para lá quando estava calor e era preciso que a Maria José nos deixasse.

Quando estamos na Quinta nem parece que estamos numa cidade e num espaço escolar. Aquele lugar é imenso, selvagem, é das crianças, com muitos recantos para descobrirmos, em que nos sentimos livres, sem os adultos a controlarem as nossas brincadeiras. É ótimo para termos as nossas conversas “super” secretas!

No ano passado, no meu 5ºano, ganhei mais liberdade e passei a poder ir para lá sem ninguém me dizer nada. Desde então que eu e as minhas amigas nos temos divertido imenso na Quinta. Ali, já construímos cabanas, formámos duas tribos rivais que por vezes lutavam; descemos e subimos os montes e muitas mais aventuras que nos têm feito ficar mais amigas. Agora no 6º ano, temos menos tempo para ir para Quinta, mas já lá joguei ao “zombie tsunami”, ao “moonball” ou ainda ao “touch”, com os meus amigos. Para não falar de uma molha valente, quando nos abrigámos debaixo de uma árvore.

A minha mãe descobre sempre quando brinquei ou estive na Quinta. Principalmente, nos dias em que chego a casa mais suja e com terra no calçado. De manhã, levo sempre uns avisos para não ir para lá quando levo ténis novos. Apesar dos ralhetes, continuo a não hesitar em ir até à Quinta.

Tenho amigas que estudam noutras escolas ou colégios da cidade de Lisboa e que não têm uma Quinta, um espaço ligado à natureza para se divertirem.

Tal como eu, todos os alunos que estudam ou estudaram no Valsa já se sentiram donos da Quinta. **É um lugar especial para todos nós e que nos une.** ADORO A QUINTA do VALSA!!!!

“A Menina Da Quinta”, Joana Novo, 8ºC



educar para a escrita e língua materna

Travalinguas

A turma do 6ºA brincou com as palavras e criou os seus travalinguas e as suas lengalengas.

Porques e Porquês

Porque é que me perguntaste isso?
Se eu não sei o porquê da situação
Se me contasses o porquê de tudo acontecer
Eu dizia-te porque é que tinha acontecido a
tal situação dos porques e porquês.

Tiago Pires, 6ºA

A preguiça sem mexer.

A preguiça todo o dia
fica fica sem mexer
todo o dia ela fica
sem um pé sem mexer!
Fica fica a preguiça
o dia todo sem mexer
sem mexer o dia todo
fica fica sem mexer!

Rodrigo Carmo, 6ºA

Três trios de trutas
Três trios de trutas
trazem trigo a treze tigres
Três trutas tiram triciclos
para os treze tigres tristonhos.

Afonso Santos, 6ºA

Se eu pudesse voar
Grande voador seria.
Voava daqui para ali,
Voando todo o dia.

Afonso Santos, 6ºA

Se eu fosse astronauta
Grande astronauta seria
Voaria todo o dia
Grande astronauta eu seria
Como que por magia.

Beatriz Maia, 6ºA

Na cozinha do rei
o gato pardo fugiu para o prado
porque partiu um prato.
No Prado nasceu,
no prado morreu
grande gato pardo
que partiu um prato.
Grande gato pardo
que levou com um machado.
Pardo é, pardo foi.
Prato é, prato foi.

Carolina Azadinho, 6ºA

Conhecer a “menina” que ganhou o Prémio Nobel da Paz pela aluna Inês Galvão.

“Ela não desistiu, sempre lutou para tentar o melhor para todos, e quando lutou não foi com armas, foi com um livro, uma caneta e um caderno na mão.”

Malala

Eu conheço a Malala não apenas por ser uma mulher que ganhou o Prémio Nobel da Paz, mas por ser uma lutadora que fez com que do silêncio das suas irmãs saíssem milhares de vozes a defender os seus direitos. Demonstrou a igualdade entre rapazes e raparigas e lembrou que todos têm direito à educação para serem melhores.

Decerto que todos deviam seguir o que está escrito na declaração dos Direitos das Crianças, não só por obrigação, mas também por mero respeito às crianças.

Os talibans, que têm uma visão radical do Islão, executavam sem piedade os que não lhes obedeciam, como num dos seus ataques mais marcantes deste grupo, em que entraram numa escola frequentada por filhos de militares e mataram mais de 140 crianças entre os 12 e os 16 anos de idade. Para os taliban paquistaneses tratou-se de uma vingança, uma forma de “fazer sentir” aos militares que lhes fazem frente “o sofrimento de ver um ente querido morto”, disse o porta-voz do grupo, Muhammad Umar Khorasani.

Malala, para os mais curiosos, foi assim chamada em homenagem a Malalai de Maiwand. Esta rapariga, filha de um pastor, foi morta num campo de batalha no Afeganistão quando pegou num estandarte para ajudar o pai e o noivo durante uma das guerras do século XIX contra os britânicos. Mas “Malala” também significa “atingida pela dor” em língua de pastor... Ela não desistiu, sempre lutou para tentar o melhor para todos, e quando lutou não foi com armas, foi com um livro, uma caneta e um caderno na mão.

Sinceramente, eu não teria coragem para tal. Mesmo depois de atingida por uma bala, ela continuou e nunca abandonou as suas irmãs, principalmente quando o grupo Boko Haram raptou centenas de raparigas de um liceu para vendê-las no mercado.

Malala recebeu muitos prémios:

- O Prémio Nacional da Paz da Juventude (2011)
- Sitara-e-Shujaat, Prémio coragem civil terceira maior do Paquistão
- Revista Foreign Policy, top 100 pensador global (2012)
- Time, lista de pessoas influentes (2012)
- Madre Teresa Memorial, prémio para a Justiça Social (2012)
- Prémio Romano pela Paz e Ação Humanitária (2012)
- Top Name 2012, Pesquisa Anual da Global English (2013)

(...)

Na minha opinião, todos estes prémios foram merecidos, pelo seu esforço e empenho, e, se repararem, ela é apenas uma adolescente!

Inês Galvão, 6ªA



educar para a escrita e criatividade

Eu, a folha de ponto

Hoje sinto-me um pouco deprimida. Estou numa daquelas alturas em que sentimos que não valem nada, que não somos importantes para ninguém, que ninguém gosta de nós.

As lágrimas molham-me a cara delineada por inúmeras linhas azuladas, quanto às linhas na face, não é defeito, é hereditário. Quanto às lágrimas, também não são minhas. São da aluna que está a fazer o teste. É de Português. Não sabe nada de gramática! A professora bem a avisou: "Estudem, façam exercícios.", pois não é que a menina preferiu ficar em casa a conversar nas redes sociais? Agora tem de arcar com as consequências. E eu também!

Vou ter de fazer uma viagem muito atribulada na mala da professora que cheira sempre a iogurte de frutos silvestres, o que me deixa extremamente enjoada. Toda a gente sabe que odeio frutos silvestres!

Ainda por cima, desta vez, vou ter que passar pela humilhação de ter uma classificação terrível estampada no meio da testa! Que vergonha! Agora o grupinho das boas classificações vai humilhar-me, mas quem me vai humilhar ainda mais vai ser a professora quando disser quanto é que eu valho à frente daquela enorme audiência. Odeio a forma como ela o diz... Com aquele tom desiludido... Faz-me sentir inválida! Ai! Desculpem-me o meu pessimismo, mas acordei com as pontas vincadas.

No entanto, nem tudo é mau! Muitas vezes trago felicidade e mérito a muitos alunos. Mas, no fim, acabam por me deixar no fundo da prateleira o resto do ano. Já não precisam de mim, portanto assumem que já não lhes sirvo de nada.

Não me admira que a caneta BIC, a minha conceituada psicóloga, diga que estou com uma grande depressão. Não me ligam nenhuma, dizem-me que sou cara, que não sirvo para nada, que só estrago vidas...

Mas de que me servem estas lamentações? Afinal, sou só eu... Uma folha de ponto, uma folha de ponto deprimida...

Patrícia Marques, 8°C

O primeiro dia

Hoje ia ser um grande dia! O primeiro dia que ia à escola. Sentia-me bem, todo limpinho e perfumado.

Assim que entrei na sala, fui colocado num cabide. Quando a aula começou e todas as crianças estavam sossegadas, um dos casacos já um pouco debotado virou-se para mim e perguntou-me:

- Ouve lá, é o teu primeiro dia aqui, não é?

- Sim, nota-se assim tanto? - perguntei.

- Dá-lhe um desconto - gritou um casaco de polar com umas letras enormes estampadas que estava na ponta oposta da fila de cabides.

Foi então que reparei que todos os casacos tinham um ar desolado por estarem ali.

- Porque estão com essas caras?

- Logo verás!

Foi a única resposta que obtive. Durante o resto do dia não houve um único casaco que me tivesse dirigido a palavra.

Senti um grande alívio quando ouvi o toque de saída, finalmente iria apanhar ar e dar umas voltas por aí. Esperei ansiosamente a minha vez enquanto observava as crianças a arruma-rem as suas coisas antes de virem buscar os seus casacos. Esperei mais um pouco, mas reparei que já não estava nenhum humano na sala. A minha dona tinha-se esquecido de mim!

E agora? Continuas motivado? Isto é o que elas fazem diariamente. Deixam-nos aqui para sermos postos no nojento monte de roupa perdida - gritou o casaco de polar.

Decidi que não ia discutir com ele e dizer que as crianças voltar-iam para nos buscar, pois tinha o pressentimento de que ele tinha razão. E entrei num estado de sonolência.

Só acordei quando fui jogado à bruta para cima de um monte de roupa poeirenta. A primeira coisa que consegui sentir foi o cheiro nauseabundo da roupa de educação física. Depois, foi a quantidade de gritos que se faziam ouvir da roupa soterrada, a implorar que lhe tirassem as outras peças de cima.

- Fecha os olhos e dorme. É o melhor que tens a fazer. Amanhã, de certeza que te vêm buscar. A mãe da tua criança deve ter-se zangado com ela por não te ter trazido de volta, portanto não vai descansar até tu apareceres... És bonito e novo, ainda te dão importância... - dizia-me uma luva de lã já de uma certa idade.

- E a ti, também te vêm buscar? - perguntei eu, preocupada.

- Não, eu já sou muito velha, já passei por muitas mãos, tenho buracos, já não aqueço ninguém, já cá estou há muito tempo...

- Já sei, fazemos assim, saltas para o meu bolso e, amanhã, quando me vierem buscar, vais comigo para casa - propus eu, com imensa pena da luva e já a imaginar todas as histórias que a minha nova amiga me iria contar.

Ana Luísa Machado, 8°C

educar para o Património e a cultura

Um dia na Lisboa das Descobertas

Graça Luís. Pelo Departamento de História

“Um povo sem memória é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado”

Seja quem for o autor desta afirmação, traduz aquilo que continua a ser um dos nossos princípios de trabalho na disciplina de História. Mas não gostamos que as aprendizagens se fiquem pela sala de aula e se reduzam a um mero cumprimento do que está curricularmente definido. Consideramos que, para tornar essas aprendizagens significantes, é preciso conhecer os testemunhos que as várias épocas e os seus atores nos deixaram e o estado em que esse mesmo legado chegou até nós. É por isto que é ponto de honra desta disciplina a saída com alunos, tão frequente e oportuna quanto possível, em pequenas viagens no tempo, parte integrante de atividades pedagógicas que incluem posteriores exercícios de rigor, mas também de criatividade, que ajudem a integrar nos conhecimentos dos alunos tudo o que foi visto e realizado. São, posteriormente, motivo de discussão em sala de aula. A visita intitulada "Lisboa das Descobertas" destinada ao 8ºano é disso exemplo.

Assim, os nossos "repórteres históricos" produziram textos cujo título deveria ser "Um dia na Lisboa das Descobertas" e que pressupunham colocar-se na pele de alguém ou de algo que tivesse vivido em Lisboa no séc. XVI. O texto que damos como exemplo reflete os objetivos que havíamos definidos. Parabéns à sua autora e a todos os alunos que viajaram até ao séc. XVI!



Mosteiro dos Jerónimos

Eu na Lisboa Quinhentista

Eu sou um cravinho-da-Índia. Vim da Índia numa viagem de barco muito longa, mas não vim sozinha, vim com muitas outras coisas, como por exemplo: a pimenta, a canela, a porcelana e também algumas pedras preciosas. Por agora, estamos todos na Casa da Índia, mas daqui a pouco as pedras preciosas vão ser levadas e vendidas.

Agora, que as pedras preciosas já foram levadas, é a vez das especiarias serem carregadas para o paço do rei, ao que parece vai haver um grande banquete.

Acabei de sair da Casa da Índia, e que ironia que esta cidade é! De um lado, temos grandes e exuberantes edifícios de mármore, com pessoas com os seus enormes vestidos de seda e veludo usando como transporte coches feitos de madeiras, mais dourados e brilhantes que o próprio sol. Do outro lado, temos pessoas magras, esfomeadas, com cabanas e barracas para viver (e algumas delas nem se podem chamar casas), vestidas com um trapo velho atado por um nó e a arrastarem os pés esfolados pelo chão... Dois grandes extremos com apenas duas ruelas de distância. Acabei de chegar ao palácio, e que grande que é! Com belas paredes forradas de azulejos, tapeçarias, quadros e pinturas muito belas. Fui diretamente para a cozinha, com paredes brancas como a cal e bastantes instrumentos de cozinha feitos de cobre. As cozinheiras atarefadas como formigas, andavam de um lado para o outro preparando a comida. O jantar é coelho assado e a receita inclui: 5 Kg de açúcar, 2 Kg de pimenta, 3 Kg de cravinho e 4 Kg de canela, tudo em cima de um pequeno coelho! Muitos outros passaram pelo mesmo processo.

Quando chegamos ao salão, o coelho onde eu estava foi levado para a mesa do rei, e dali podia ver-se tudo: Os senhores todos, vestidos com grandes e pesadas vestes, as senhoras cheias de jóias, provavelmente com os pescoços extremamente doridos, as mesas repletas de pratos e pratinhos cheios de comida desconhecida pelo Ocidente, as paredes repletas de tapeçarias que narravam acontecimentos históricos deste país, os escravos negros como o chocolate vestindo uniformes pretos e brancos mantinham-se em linha ao fundo da sala. O rei cortou um bocadinho da carne e comeu. E os senhores todos repetiram o que ele fez. A carne devia estar horrível porque o rei mandou os criados deitarem os coelhos fora.

Já no lixo, um mendigo que parecia esfomeado, pegou no coelho onde eu estava, mas logo a seguir cuspiu tudo. Ele ofereceu a carne ao cão mas este teve a mesma reação que o dono.

Que cidade de contrastes! Uns são tão ricos que se dão ao luxo de desperdiçar comida com carradas de especiarias, algo muito caro, e os pobres que morrem esfomeados não comem essa comida porque está intragável!

Diana Ferreira. 8º B



Pormenor dos Claustros (Mosteiro dos Jerónimos)

Fotografias cedidas pelas alunas **Catarina Nunes** e **Laura Mota** (8ºA)

educar para a memória e para a Paz

Memórias imaginadas de uma guerra real

Faz agora 100 anos que a Europa se encontrava numa guerra que depressa se tornaria mundial.

Será que estamos tão longe assim desta situação? Como será viver em guerra? Valorizamos devidamente o que é viver em paz?

Foram estas questões que levaram os professores de História, Português e Educação Visual a lançar um desafio aos alunos de 9º ano: recuarem um século e encarnarem um personagem que nos deixe as suas memórias imaginadas de uma guerra real.

Uma proposta para o resultado: editar um livro ilustrado.

Aqui vai um aperitivo...



França, 14 de setembro de 1918

Querida mãe,

Espero que esteja tudo bem aí em casa. Não imaginas as saudades que eu tenho e a quantidade de vezes que penso em todos vós.

Estamos algures no mapa, numa realidade paralela, onde o amor e a felicidade não predominam, mas sim o ódio e o sofrimento.

Esta igualdade de forças, esta falta de avanço é assustadora. Todos os dias temos a esperança de adormecer em paz e acordar em casa e depois apercebemo-nos que estamos presos aqui. Agora esta é a nossa cruel realidade.

As granadas, os gases, os aviões, são agora a nossa família, é aquilo que nos defende e nos dá esperança, aquilo que nos protege nestes tempos infernais.

E no final do dia, todos nos questionamos: mas afinal, tudo isto, todas as mortes, o sofrimento, a escuridão, todo o sangue, valerá a pena? Esta guerra, terá fim? Haverá necessidade?

As trincheiras...um horror, um espaço sufocante, um espaço de morte, doença, sobrevivência, um espaço que destrói toda a esperança de regressar. As noites são longas e os dias monótonos.

No fundo, todos nós somos uns pobres coitados, o nosso exército como o dos adversários. Todos os dias olhamos para diferentes caras, mas têm sempre uma coisa em comum, uma coisa que nos faz todos iguais, o olhar cansado, triste, saudosos que nos perfura a alma.

No entanto, no meio de toda esta escuridão, sempre terei a esperança de vos voltar a ver.

Espero que esta carta vos seja entregue e que possa voltar a casa o quanto antes.

Tenho muitas saudades vossas.

Um beijo,

Do filho que vos ama,

Carlos António.

Mariana Martins, 9ºC



Prisioneiros portugueses
na I Grande Guerra.

Fonte:
<http://www.centenariodarepublica.org/>

Memórias...

28 de maio de 1916, foi o dia em que partiu. Sou uma mulher de trinta e dois anos, ama de casa, e agora, chefe de família. O meu marido partiu para a Grande Guerra e eu fiquei aqui, com dois filhos para criar, uma casa para sustentar, com o coração nas mãos e apenas uns quantos postais que retratam a pobre vida do meu João. Postais que me fazem sofrer, chorar e acreditar.

“Eram gritos, desesperos, tiros, fogo e mortes. A maioria dos países beligerantes acreditava que a guerra seria breve, mas com o passar do tempo, até eu percebi que nunca mais seria liberto. Juntamente com o resto dos soldados, escavámos uma extensa rede de valas e abrigos ao longo do território, as trincheiras. Nelas, ficamos sujeitos à miséria durante longos meses: à fome, ao frio e ao medo constante da morte por bombardeamentos, granadas, tiros e doenças. É horrível. Cada dia que passa é uma eternidade.

De manhã, quando acordo, passo pela lavandaria, onde se encontram grandes baldes de água a esquentar que matam os piolhos e as pulgas. Passo o dia em frente a um muro, vejo lama, oio tiros e bombas, cheiro fezes, como restos intragáveis e suspiro rezando pelo fim da Guerra ou da vida.

Cada mês que passa, desejo que termine, mas perante toda esta tragédia, temos que acreditar em algo que nos faça prosseguir e lutar para viver. Para além das batalhas, eu tenho-te a ti e aos nossos dois filhos, que são o meu único motivo para sorrir. Um grande beijo, João”.

Mafalda Martinho, 9°C

A vida de um rapaz de 14 anos durante a primeira guerra mundial

Ainda me lembro quando o meu pai se foi embora. A minha mãe e a minha irmã mais velha (que tinha 17 anos) não conseguiam parar de chorar, as gémeas (4 anos) eram demasiado novas para perceber o que se passava e eu estava a tentar mostrar ao meu pai que ia ser forte embora quisesse chorar como a minha mãe... Lembro-me da minha mãe abraçar o meu pai a tremer de tanto chorar e o meu pai, com lágrimas no canto do olho, a sussurrar coisas no ouvido da minha mãe, provavelmente a dizer que ia ficar tudo bem. Mas não ia. E até eu sabia disso. Lembro-me de depois ser a vez da Ana a despedir-se e acho que foi nesse momento que vi, pela primeira vez, uma lágrima a sair do olho dele. Lembro-me de muita coisa, mas do que eu me lembro melhor foi quando chegou a minha vez de me despedir.

- Afonso anda cá. - Pedeu o meu pai. - Já és bastante crescido para perceberes o que está a acontecer e o que se seguirá. Tu, sendo o meu único filho, tens de tomar conta desta família. Ajuda a tua mãe em tudo o que for preciso, não chateies a tua irmã e protege as gémeas dos perigos que possam haver. Enquanto eu estiver fora vais ser tu que manda aqui, a seguir à tua mãe, claro. Tenho muito orgulho em ti e sei que não me vais desiludir. A esta altura já o meu pai chorava e eu não conseguia conter mais as lágrimas.

O que ele disse marcou-me de tal maneira que até hoje, tendo 22 anos, não me esqueci. A guerra já acabou há muito e o meu pai nunca chegou a voltar para casa. Todos sabemos o que isso significa. Ele pode ter partido mas nunca será esquecido. Nunca.

Carolina Caldeira, 9°C

educar para a cidadania

Parlamento dos Jovens

Graça Luís. Departamento de Educação para a Cidadania

O programa Parlamento dos Jovens é organizado pela Assembleia da República (AR), com o objetivo de promover a educação para a cidadania e o interesse dos jovens pelo debate de temas de atualidade. Culmina com a realização de duas Sessões Nacionais na AR, preparadas ao longo do ano letivo, com participação de Deputados, designadamente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura, órgão parlamentar responsável pela orientação do programa. Todas as Escolas do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do secundário são convidadas a participar.

Ensino Público e Ensino Privado: que desafios?

Tal como tem acontecido nos últimos anos, o Colégio esteve presente na sessão distrital do Parlamento dos Jovens, simulação de uma sessão parlamentar promovida pela Assembleia da República e dirigida a alunos do Ensino Básico e do Ensino Secundário de todo o país. A nossa participação tem sido feita com alunos do Ensino Secundário e, este ano, depois da aprovação em Sessão Escolar, foi defendido um projeto de recomendação elaborado por alunos de 11.º ano.

O tema "Ensino Público e Ensino Privado: que desafios?" não era pacífico. No entanto, a preocupação da maior parte dos nossos alunos que procuraram que o seu trabalho fosse representar o Colégio foi o de mostrar que, se toda a gente tem direito ao ensino, então, o ensino público tem que ter boas condições para que aqueles que o frequentam não fiquem em desvantagem relativamente aos que podem estar no ensino privado.

Tal como todos os projetos, o que foi defendido pela alunas, da turma **11º2, Maria Carolina Gonçalves, Ana Clara St.Aubyn** (efetivas) e **Leonor Vasconcelos** (suplente) inclui uma parte inicial designada Exposição de motivos em que se contemplam considerações ou argumentos que deverão enquadrar as medidas propostas que, neste caso, foram as seguintes:

1. Criar alternativas ao ensino regular, ou seja, apostar no ensino profissional com a abertura de cursos técnico-profissionais ou investimento nos estabelecimentos de ensino já existentes, nomeadamente nas áreas da Informática, Contabilidade, Mecânica, Agricultura, Eletricidade, Carpintaria, Design, Culinária, etc. Para tal, é necessário que haja uma maior valorização destes cursos por parte das entidades empregadoras, o que exige uma maior articulação entre as escolas e as empresas, por exemplo, através da organização de estágios.

2. Avaliação anual de professores, baseada em critérios objetivos, facilmente mensuráveis (avaliação 360º: autoavaliação, avaliação dos pares, do superior e dos alunos). Os docentes que obtenham melhores resultados serão mantidos na escola designada e terão a oportunidade de integrar o quadro após 5 anos de avaliações positivas. Para resolver a questão da colocação de professores, propomos a atribuição de benefícios por parte das autarquias (por exemplo, redução do custo da água, luz e de taxas municipais) àqueles que desejem fixar-se nas zonas mais isoladas do interior do país.

3. Criação de bancos de tempo ou trocas de serviços. Muito sucintamente, esta medida destina-se a ajudar alunos mais desfavorecidos e com mais dificuldades mas que, no entanto, manifestam grande interesse pela aprendizagem. Assim, propomos que professores possam dar explicações fora da escola, de carácter gratuito, e que, em troca, possam receber como meio de pagamento os serviços que cada um dos pais dos alunos desempenha, sejam eles, por exemplo, canalização, mecânica, engomadoria, etc. Por outro lado, poderia ser reforçada a articulação entre o ensino privado e público, através da



Sessão escolar. Apresentação das propostas que foram sujeitas a votação pelos alunos do secundário.

"(...) promover a educação para a cidadania e o interesse dos jovens pelo debate de temas de atualidade."

criação de grupos de voluntariado organizados que visem ajudar aqueles que necessitam e se mostram interessados.

Parece-nos importante salientar que a posição de alunos de instituições de ensino privado neste tipo de encontros nunca é muito fácil. Eles representam uma minoria (cerca de vinte) num universo de cem alunos em que muitos conhecem realidades difíceis e valorizam pouco os problemas que alunos, que consideram privilegiados, apresentam, mesmo que semelhantes aos seus. Por outro lado, os nossos alunos têm a oportunidade de conhecer projetos que refletem realidades bem diferentes da sua, por vezes bastante difíceis, mas em que se trabalha com muito rigor e muita dedicação ... como é suposto trabalhar em todo o lado!



Sessão com deputado

educar para o futuro

Fórum de Orientação Vocacional

Raquel Raimundo e Joana Carmo. Gabinete Psicopedagógico



"(...) fazer tudo com paixão. Porque não há boas ou más escolhas."

Ao longo do seu percurso de desenvolvimento vocacional um indivíduo é confrontado com sucessivas tarefas relacionadas com a exploração, implementação e reformulação de projetos de vida multidimensionais (Herr & Cramer, 1996). Muitos adolescentes sentem pressão por parte dos pais, pares, da sociedade e de si mesmos para fazerem a escolha “certa”. Por outro lado, a escola fornece uma experiência organizadora na maior parte da vida dos adolescentes, oferecendo-lhes oportunidades, permitindo-lhes aperfeiçoar competências e explorar escolhas vocacionais. As conclusões dos estudos de meta-análise destinados a avaliar a eficácia das intervenções em orientação vocacional revelaram como eficaz a inserção de atividades práticas de natureza experiencial (Magno, 2004).

No âmbito do Programa de Orientação Vocacional, decorreu em novembro de 2014 o “Fórum de Orientação Profissional”, destinado a promover nos alunos de 9º ano um melhor conhecimento sobre o mundo das profissões e das formações. A preparação do evento consistiu no contacto com antigos alunos do colégio e no convite para colaborar nesta iniciativa na qualidade de oradores. Este primeiro contacto é uma experiência muitas vezes emocionante, na medida em que os apanha de surpresa e ficam muito lisonjeados com o convite. Nem sempre é fácil conciliar as disponibilidades dos convidados com as tardes pré-estabelecidas para o Fórum, mas quando é possível a sua participação é enviado um guião de modo a ajudar na elaboração de uma apresentação que vá ao encontro das necessidades de informação dos nossos alunos de 9º ano.

No corrente ano letivo, o Fórum desenrolou-se ao longo de 4 sessões temáticas, de acordo com as preferências apontadas inicialmente nas provas de orientação vocacional que os alunos realizaram em outubro de 2014: ciências socioeconómicas (também com línguas e humanidades), ciências e tecnologias – engenharias, ciências e tecnologias – saúde e artes visuais. Em cada um dos painéis temáticos esteve presente um estudante do ensino superior e entre 2 a 4 profissionais que exploraram tópicos tais como: “de que forma o ter sido aluno do Colégio Valsassina contribuiu para a minha formação académica, profissional e pessoal”, “quais eram os seus projetos pessoais no 9º ano/ ensino secundário/ ensino universitário”, “o que significa ser ... e o que mais e menos gosta na sua profissão”, “principais exigências da profissão e qualidades e características que são necessárias para se ter um bom desempenho na sua área profissional”, assim como comentar situações relevantes vividas e que conselhos querem deixar aos alunos.

Após o Fórum, de modo a fazer uma análise construtiva, pediu-se a vários alunos e comunicadores que partilhassem com o serviço de psicologia a respetiva experiência, tendo havido um balanço muito positivo.

Ao longo deste período realizou-se a fase de entrevistas, durante as quais foi possível analisar os perfis vocacionais, ajudando-os a promoverem o seu autoconhecimento, assim como o conhecimento sobre o mundo das formações e das profissões. Para alcançar este objetivo muito contribuiu a utilização das informações partilhadas pelos antigos alunos no Fórum.

Referências Bibliográficas
Herr, E.L., & Cramer, S.H. (1996). Career guidance and counseling through the life span, Systematic approaches (5th ed.). New York: Harper Collins.
Magni, I. (2004). Factores de eficácia e formação dos profissionais de orientação. In M. C. Taveira (Coord.), Desenvolvimento vocacional ao longo da vida (pp. 371-380). Coimbra: Livraria Almedina.

Alunos de 9.º ano

“O fórum foi para mim uma mais-valia, pois consegui tirar as dúvidas que tinha de ciências e de artes... ouvir outras pessoas relatarem o seu percurso, curso que tiraram e o que fazem no dia-a-dia, ajuda-nos a ter uma maior noção...”

Filipa Raposo, 9ºD

“Foi este fórum que me fez mudar de ideias. Pensava muito só na engenharia informática, mas a engenharia eletrotécnica cativou-me mais”.

André Henriques, 9ºD

“É uma ideia engraçada. Ver o antes (nós), o durante (quem está na faculdade) e o depois (quem já está a trabalhar) ... é importante saber o que se faz numa profissão. Se eu gostar de uma área e não gostar do que se faz nela não vale a pena. Ajuda os mais aventureiros a decidir”.

Gonçalo Castela, 9ºA

“Gostei. Ampliou-nos o nosso campo de visão em relação às profissões e ao facto de ser possível tirar um curso que não corresponde exatamente ao que depois vamos fazer”.

Teresa Duarte, 9ºD

“Através do Fórum consegui perceber que a área de socioeconómicas afinal não é o que eu quero.

Gostei muito dos comunicadores, mas vendo melhor o que eles fazem diariamente, cheguei à conclusão que não me identifico.

Outro ponto importante do fórum foi ver como levamos daqui uma boa preparação para a faculdade”

Mateus Pinto, 9ºB

Comunicadores do Fórum:

“Regresso sempre ao Valsassina como se nunca tivesse saído.

Agora regresssei para partilhar a minha (ainda pouca) experiência, e o meu percurso académico.

E quando me sentei no lado oposto do auditório, lembrei-me de quão impossível parece escolher no 9º ano. E no fim do 12º. E no fim do curso.

Porque uma escolha é sempre uma subtração de hipóteses.

Não tento partilhar uma fórmula para tomar a decisão certa. Essa não existe. Tudo poderia ter sido outra coisa, e teria tido a mesma importância.

Mas acredito que existe uma fórmula para o sucesso, e é essa que tento transmitir. Ser exigente, esforçado, e focado. Trabalhar com brio, persistência e ambição. Ser curioso e procurar a superação de si mesmo. E, sobretudo, fazer tudo com paixão.

Porque não há boas ou más escolhas. Há, ou não, valores.”

Filipa Louro. Farmacêutica

“Como tive oportunidade de referir durante a minha intervenção, penso que é muito positivo o Colégio promover este tipo de Fórum junto dos alunos do 9.º ano, no âmbito do qual podem contar com o testemunho de ex-alunos que passaram pela mesma fase da vida e em que se confrontaram com a necessidade de tomar uma decisão – que pode não ser definitiva – sobre a profissão que pretendem seguir no futuro.

Por outro lado, para os convidados a intervir, é, também, muito interessante e enriquecedor ter contacto próximo com pessoas de uma faixa etária específica e ficarmos com a perceção das suas dúvidas, das suas expectativas, dos receios e dos anseios que sentem neste momento. Fica-se, de facto, com uma perspetiva clara sobre as escolhas profissionais e as preferências atuais que acabam por ser um pouco diferentes das do nosso tempo!”

Carla Carvalhal. Jurista

educar para a qualidade e excelência

Quadro de Honra 1ºP 2014/2015

Do quadro de honra fazem parte os alunos que, no final de cada período, apresentem excelentes resultados escolares (média de 5 no ensino básico e de 17 valores no ensino secundário), quer no domínio curricular quer no domínio dos complementos curriculares. Devem apresentar também um bom comportamento.

5º ANO		
4397	Glória Maria Malta de Abreu Neto Ferreira	5º A
4401	Rafael Gueifão Cruz	5º A
4370	Joana Alves Pereira de Ferreira Monteiro	5º B
5517	Maria Madalena Marques Pires de Carvalho Pastilha	5º D
5701	Rita Veloso Simões	5º D
6º ANO		
5356	Lorena Barbosa Antunes da Silva	6º B
4670	Inês Maria dos Santos Rodrigues da Silva	6º C
5420	Maria Joana Facha Loureiro de Brito	6º D
5428	Maria Carolina Brito Caiado Correia Alemão	6º D
7º ANO		
4013	Ana Sofia Torre Amaral	7º B
4009	Margarida Lima Grilo Fernandes da Silva	7º C
4017	Francisco Miguel Moutinho Neves Moreira	7º C
4018	Catarina Ribeiro Luís Marques	7º C
4098	Joana Diogo Alves Correia	7º C
8º ANO		
4387	Maria Laura Cortez Mota	8º A
5131	Maria Leonor Miguel Neto	8º A
3892	Duarte Tomás Cardoso Rezio Martins	8º B
4257	Afonso José da Costa e Ervideira Coalho	8º B
3895	Francisco Gameiro da Costa Martins Pedro	8º C
4213	Patrícia Teixeira Belo Marques	8º C
5079	Teresa Santos Costa Cabral	8º D
9º ANO		
3788	Miguel Pinto Correia Cardoso e Cunha	9º A
5015	Guilherme M. Borges Fernandes Barroca	9º A
4076	Beatriz Henriques Ferreira Martins Bernardo	9º B
3697	Beatriz Pinto Correia Cardoso e Cunha	9º C
3703	Carolina Viegas Dias Gomes	9º C
3704	Catarina da Costa Gameiro	9º C
3714	Joana Santos Pereira dos Reis	9º C
3727	Miguel Henrique dos S. Vicente Alves Nabais	9º C
3732	Teresa Maria de Moura Coutinho Soromenho	9º C
4913	João Neto Afonso Dickson Leal	9º D
4970	Afonso Morgado Mota	9º D
10º ANO		
3579	Joana Lima Grilo Fernandes da Silva	10º 1A
3939	João Marques Pereira Nicolau	10º 1A
4702	Beatriz da Cruz G. Rodrigues Gaspar	10º 1A
4706	Catarina Castro Gaspar Cortesão Correia	10º 1A
4771	Diogo Manuel Duarte Ferrão	10º 1B
5613	João Miguel Martins Barros Luís	10º 1B
4100	Cláudia Teixeira Belo Marques	10º 2
3580	Rita Ribeiro Luís Marques	10º 4

11º ANO		
3376	Mariana S. Espada Venâncio Carrasco	11º 1A
3393	Mafalda Viegas Dias Gomes	11º 1A
3875	Marta F. Velosa Silva Zambujal de Oliveira	11º 1B
4580	João Pedro Vicente Ribeiro Esteves da Rosa	11º 1B
3359	Duarte José Rodrigues Mendes da Silva	11º 1B
3922	Miguel Micaelo Bengala	11º 1B
5459	Tomás Calado Franco	11º 2
5483	Aisha Ismail Ahmad	11º 2
3378	Maria Inês Veloso Gago da Graça	11º 2
4586	Ana Clara do Carmo St. Aubyn	11º 2
4606	Maria João Pessoa de Araújo Sales Sancho	11º 2
4629	Marta Almeida Martins	11º 2
5045	Maria Carolina Osório Gonçalves	11º 2
12º ANO		
3195	Maria Inês Bispo David	12º 1A
3210	Ana Teresa Barata Rodrigues	12º 1A
3220	Inês Garcia Nunes Coelho	12º 1A
4372	Miguel Soares Marques	12º 1A
5035	Ana Alexandra Carvalho Reis	12º 1A
3206	Mariana Monteiro Alves Vieira Neves	12º 1B
4364	Catarina Allen D'Ávila Silveira	12º 1B
3522	Bárbara Veríssimo Choon	12º 2

Alunos do Valsassina selecionados para o Encontro de Biotecnologia para jovens

A WORLD BIOTECH TOUR é um projeto internacional para dar a conhecer a Biotecnologia e o seu impacto nas nossas vidas, através do envolvimento de centros de ciência.

No âmbito deste projeto realizou-se no dia 10 de janeiro, no Pavilhão do Conhecimento, o Encontro de Biotecnologia para jovens. Este Encontro incluiu palestras e sessões paralelas realizadas por investigadores das instituições científicas parceiras, para dar a conhecer o que melhor se faz em Portugal na área da Biotecnologia. O número de vagas era limitado, e apesar do elevado número de candidaturas, foram selecionados três alunos do Valsassina: **Aisha Amad (11º1B)**, **Mafalda Gomes (11º1A)** e **Gil Oliveira (11º1A)**.

Aluno do Valsassina foi o grande vencedor do concurso da Fundação Calouste Gulbenkian –Dá Voz à Letra.

Vencendo as sucessivas etapas de um concurso que visa estimular o prazer da leitura nos jovens, o aluno **António Miguel Gonçalves** do 8º A ganhou o 1º prémio, uma viagem a Londres.

Distinguiu-se pela expressividade com que leu os poemas que escolheu para o concurso, numa seleção que passou por várias etapas, com muitos e bons concorrentes.

O seu trabalho está disponível em <http://davozalettra.gulbenkian.pt/>

educar para a qualidade e excelência

Concurso de Textos sobre Paz, promovido pelo Lions Clube

O Lions Clube promoveu um concurso de textos sobre a Paz. O principal objetivo foi o de incentivar os jovens participantes a pensar sobre a paz e a sua importância no mundo actual, bem como estimular, através da escrita, a reflexão sobre o tema proposto, sempre de uma forma construtiva. Participaram os alunos: **Ana Rafaela Lima (10º 2)**; **Duarte Rezio Martins (8ºB)**; **Ana Maria Cunha (6ºB)**; **Carolina Centeno (6ºB)**; **Lorena Silva (6ºB)**; **Nuno Marques (6ºB)**; **Pedro Gomes (6ºB)**; **Francisca Leite (6ºB)**; **Leonor Maurity (6ºB)**; **Tomás Pacheco (6ºB)**; **Catarina Arriel (6ºB)**.

Foram distinguidos os alunos:

1º lugar: **Catarina Azriel (6ºB)**

2º lugar: **Ana Rafaela Lima (10º 2)**

3º lugar: **Pedro Gomes (6ºB)**



Aluno do Valsassina apurado para a final nacional das XXXIII Olimpíadas Portuguesas de Matemática

As Olimpíadas Portuguesas de Matemática, organizadas anualmente pela Sociedade Portuguesa de Matemática, são um concurso de problemas de matemática, dirigido aos estudantes dos 2º e 3º ciclos e do ensino secundário, que visa incentivar e desenvolver o gosto pela matemática. Os problemas propostos neste concurso fazem sobretudo apelo à qualidade do raciocínio, à criatividade e à imaginação dos estudantes. O aluno **Manuel Cabral, 10º1B**, foi apurado para a final nacional das XXXIII Olimpíadas Portuguesas de Matemática. Esta realizou-se em Rio Maior, entre 19 e 22 março.

Equipa de alunos do 11º2 apurada para a final nacional do Young Business Talents

O Young Business Talents é um simulador empresarial que permite praticar gestão tomando todo o tipo de decisões dentro de uma empresa.

Neste jogo de simulação de negócios a função dos alunos é a mesma dos responsáveis das empresas: analisar, planear e controlar, utilizando uma ferramenta sofisticada como simulador de empresas. O essencial é a definição de planos constituídos por um conjunto de decisões. São essas decisões que são introduzidas no simulador. O Young Business Talents permite emular com precisão o que acontece no mundo empresarial.

A equipa constituída pelos alunos **Maria Almeida, Marta Martins, Guilherme Jacinto, Luís Amaral, do 11º2**, foram apurados para a final nacional do Young Business Talents, que se irá realizar no próximo dia 9 de maio, em Lisboa.

colégio em ação

Semana das Línguas 2015

Realizou-se, entre 26 e 30 de janeiro, a Semana das Línguas 2014.

Foram varias as atividades realizadas, envolvendo alunos desde o 1º até ao 12º ano, entre as quais destacamos:

- Aula aberta para os pais. Inglês, 4º ano.
- “Silêncio, que se vai contar a história...” Escuta e exploração de uma história; reconto e ilustração; gravação e escuta da leitura da história efetuada pelos alunos (1º ano).
- “Conta comigo” Histórias contadas por pais e filhos (2º ano).
- “O senhor do seu nariz” Leitura e exploração da história; construção de um painel com a ilustração das diferentes partes da história (3º ano).
- “Lisboa menina e moça” (3º ano)
- Audição e aprendizagem de um fado
- Ditado musical
- “Aprendendo novas línguas” Alunos que falam mandarim e alemão ensinam aos colegas da turma algumas palavras e expressões nessas línguas (4º ano).
- “Um país, uma língua, uma cultura”. Envolveu os alunos do 8º ano e as disciplinas de Francês e Espanhol.
- Desafio das Línguas.
- Os filhos convidam os pais: “ O livro da minha infancia” (5º ano).
- “Who wants to be an English Expert” (alunos do 9º ano).
- Concursos vários: Busy Bees, Spelling Contest (3º ano); Spelling (6º ano, Inglês); Read and tell (6º ano, Inglês); Achas que sabes gramática? (9º ano).
- Apresentação do livro “Dizem que Sebastião” de João Rebocho Pais (alunos do secundário).



Busy Bees. Inglês, 3º Ano.



Conferência com a **Dra. Aissa Dias**, sobre voluntariado em África.

Semana da Geografia 2015

Decorreu de 9 a 13 de fevereiro, a Semana da Geografia. O Desenvolvimento foi um dos temas em grande destaque na edição deste ano.

Foram várias as atividades desenvolvidas, nomeadamente:

- Concurso “Países e capitais do mundo”, destinado aos alunos do 7º ano;
- Conferência “Voluntariado em África”, apresentada pela Dra. Aissa Dias, educadora de infância e voluntária em Moçambique. Participaram os alunos do 9º ano.
- Ciclo de filmes relativos ao tema “Contrastes de Desenvolvimento” (Hotel Ruanda, Diamante de Sangue, Fiel Jardineiro...).
- Exposição de cartoons.
- Exposição “trajes tradicionais”.
- Visita à Exposição “7 mil milhões de Outros”.

Semana da Educação Física 2015

Como forma de estimular a pratica do exercício físico decorreu, entre 13 e 20 de março, mais uma Semana da Educacao Fisica. Entre as atividades realizadas, destinadas a alunos de todas as idades, destacamos os torneios inter-turmas de Futebol, Andebol e Basquetebol.

O ponto alto desta semana foi o fim-de-semana da Educação Física que se realizou entre 13 e 15 de Março, destinado aos alunos do 8º Ano.

Foram 3 dias de muita atividade física, muita alegria e diversão. Participaram mais de metade dos alunos do 8º Ano.

colégio em ação Viagem de finalistas 12º ano



No dia 13 de Fevereiro já se vivia a aventura da viagem. Entre as últimas arrumações e o fechar das malas a euforia instalava-se a par do fim de uma longa espera. O sono foi pouco, falo por mim.

Na manhã de 14, o grupo reuniu-se no aeroporto de Lisboa, onde foram passados os últimos momentos em solo português. Quatro horas e meia depois, aterrámos em Cabo Verde. Durante a seguinte semana, a praia, o sol e a “liberdade” (tudo com moderação) tomaram conta do que foram umas férias inesquecíveis. Olhando para trás, duvido que fosse possível fazer melhor. O grupo foi perfeito (poucos mas bons), a companhia simpática e próxima dos professores, bem como a sua preocupação também foram essenciais para uma viagem sem “chatices”. Para além das animações constantes, do conforto do hotel, o carnaval também foi marcante, no que foram sete dias repletos de actividade.

E como tudo que é bom passa depressa, na manhã de 21 terminou o descanso e o grupo votou para Lisboa. É estranho pensar que não tinha saudades de casa mas, de facto, não queria que acabasse. Falando por todos, adorei a viagem de finalistas e não me esquecerei.

Francisco Costa, 12º1B

21 de Fevereiro de 2015, sétimo dia da nossa evasão ritmada, sétimo dia da nossa fuga à rotina, proporcionada por essa mesma rotina. Ainda com o Funaná em cada músculo do nosso corpo, apreciamos, pela última vez, a paisagem desértica, pobre, mas intrigantemente admirável, da janela da máquina enferrujada que nos leva de volta ao ponto de partida. Os ritmos Africanos envolver-nos-ão até ao último segundo de pés em terras Cabo-verdianas e vai custar a habituar ao silêncio cru do quotidiano...

Ainda assim, recorro nostalgicamente a rotina desta última semana! Concluí que juntar “quotidiano” a “Cabo Verde” resulta numa neutralização da conotação negativa da primeira palavra (que insiste em transportar consigo o aborrecimento para todo o lado!). A rotina que criámos nos braços Africanos, já começa a fazer falta! A começar pelo acordar ansioso na nossa mini-vila (como lhe chamámos), espreitar pela porta ou varanda e encontrar sempre alguém a namorar com o sol ou com o cheiro da natureza! O caminho de pedra até ao buffet pedia pés descalços e roupas leves, pondo o sol quase sempre do nosso lado!

Bem servidos, tão bem servidos, mas ainda melhor animados! As aulas de dança a toda a hora, os jogos de volley, futebole, os espetáculos impressionantes, o bingo! Os animadores revelaram-se amigos, as diferenças, interesses, as culturas, numa só, e nós, autênticos “cabreiros” da Boa Vista! “Cabreiros”, a viver mergulhados nos batuques e nas maracas, numa constante tentativa de ser tão genuinamente apaixonados pela natureza e pelo poder do corpo sobre a racionalidade, como parecem nascer os africanos! Gentilmente puxados para um universo quase paralelo ao “universo Europeu”, foi-nos dado o privilégio de conhecer ou provar um bocadinho, ou um bocadão das maravilhas cabo-verdianas! Cada uma pela sua individual razão, todas tocaram no sítio certo para nos rasgar um sorriso na cara! O carnaval autêntico da cidade de Sal Rei, a simpatia e gratidão nos olhos de todos os que aceitavam um sorriso de cumprimento ou admiração; os passeios nas carrinhas de caixa aberta, que nos deixaram verificar a singularidade da ilha: olhos à esquerda, uma infinita paisagem de deserto; olhos à direita, oásis, raízes, sombras vivas; olhos em frente, mar! Mar! Ondas, espuma, azul! Azul! Azul! E não posso deixar de relembrar a experiência, aparentemente divertida mas na verdade ainda mais, de passar uma tarde numa das praias mais bonitas do mundo, a praia de Santa Mónica! O convívio no porta-bagagens da carrinha e o peixe assado, acabado de pescar, servido pelos “primos”, puseram a cereja no topo do bolo!

Bem animados, bem impressionados e muito bem acompanhados! Até os professores, que deixaram os livros de ponto em Portugal, participaram nas conversas pelas varandas, nos almoços de grupo, nos mergulhos no mar e até nas noites de disco! Por tudo isto (talvez não só) e sem nos apercebermos... O grupo de 12º ano tão unido, a unir-se ainda mais!

E repetimos agora o primeiro percurso, sentido “regresso”, recordando o sentido contrário quando, recebidos de braços abertos, sorrisos nas caras, trocámos os ténis pelas havaianas, ao som do primeiro funaná. 14 de Fevereiro de 2015, primeiro dia da nossa evasão ritmada, primeiro dia da nossa fuga à rotina, proporcionada por essa mesma rotina.

Adriana Sá Couto, 12º1B

aconteceu...



Alunos do 2º ano em ação no Kids Lab

Em janeiro, através do Kids Lab os alunos do 2º ano foram também incentivados a realizar pequenas atividades laboratoriais e, em simultâneo, a usar a língua inglesa. A componente laboratorial foi coordenada pela Professora de Física e Química, Dulce Sanches, e a parte relacionada com a língua estrangeira esteve a cargo das professoras de Inglês.

Concurso Nacional de Leitura

A 1ª eliminatória do **Concurso Nacional de Leitura** (Fase de escola) realizou-se dia **8 de janeiro**. As Obras literária, escolhidas pelo Colégio Valsassina e sobre as quais os alunos demonstraram os seus conhecimentos foram:

3º Ciclo: "Aldeia Nova" de Manuel da Fonseca; "O rapaz do rio" de Tim Bowler

Ens. Secundário: "A boneca de Kokoschka" de Afonso Cruz; "O Estrangeiro" de Albert Camus. Foram apurados para a fase regional os alunos:

3º Ciclo:

- Duarte Martins - 8º B
- Ana Sofia Amaral - 7º B
- Filipa Silva - 8º A

Suplente: **Catarina Ferreira** - 7º B

Ensino Secundário:

- Mariana Vieira - 12º 1A
- Manuel Costa Cabral - 10º 1B
- Catarina Correia - 10º 1A

Suplente: **Ana Reis** - 12º 1A



Sessões "Experimenta não experimentar"

"Experimenta não experimentar" é o nome de um projeto de sensibilização e prevenção sobre o consumo de certas substâncias, em particular drogas e álcool. Este projeto foi dinamizado pela Associação ABC.

A abordagem a este tema é particularmente relevante tendo em atenção que nos últimos anos têm sido publicados alguns estudos em jovens portugueses que apontam para um aumento do consumo de substâncias psicoativas assim como para um incremento em certos comportamentos de risco.

Deste modo, no âmbito do trabalho realizado na área da Educação para a Saúde, todos os **alunos do 9º e 10º ano** participaram numa sessão de sobre este tema. Estas sessões realizaram-se entre 12 e 16 de janeiro. De igual modo, realizou-se no dia 28 de janeiro uma sessão sobre o tema destinada a pais e professores.



'Back to School!'

Aulas abertas para pais

Os **alunos do 1º e do 4º anos** convidaram os pais a assistir a uma aula de inglês, na atividade designada: 'Back to School!'. Foi uma oportunidade para pais e filhos partilharem experiências e sobretudo para dar a conhecer o que as crianças têm estado a trabalhar ao longo do ano e as aprendizagens adquiridas.

Encontro com autor João Rebocho Pais

No dia 12 de fevereiro, os nossos alunos do 10º ano e do 12º 1A tiveram um encontro com o escritor **João Rebocho Pais** a propósito do livro "Dizem que Sebastião".

Este é um romance divertido, terno e cheio de ironia, sobre a dicotomia entre números e letras e a pobreza intrínseca de algumas pessoas que só aparentemente são bem-sucedidas. Dizem que Sebastião é uma homenagem aos livros e ao que podemos aprender com eles até sobre nós próprios. Este encontro teve o **apoio da Leya**.

aconteceu...



Olimpíadas da Biologia

As Olimpíadas Portuguesas da Biologia (OPB) são um concurso de ciência, na área da Biologia, destinada a estudantes do ensino Básico e secundário entre o 9º e o 12º ano. A organização das OPB está a cargo da Ordem dos Biólogos, em colaboração com a Agência Nacional Ciência Viva. No dia 4 de fevereiro realizou-se a primeira eliminatória das Olimpíadas Júnior (para alunos do 9º ano), e no dia 18 de Março entraram em ação os alunos do 10º ano.

Olimpíadas da Filosofia

Pela primeira vez o Colégio Valsassina está a participar nas Olimpíadas da filosofia, cujas provas nacionais se realizarão, este ano em Montemor o Novo em 17 e 18 de Abril.

Esta iniciativa, procura promover, entre os jovens do Secundário, frequentem ou não a disciplina, hábitos de reflexão, contribuindo assim para o desenvolvimento do pensamento crítico, questionador e criativo; promovendo a reflexão filosófica sobre a ciência, a arte e a vida pessoal e social.

No passado dia 27 de Fevereiro realizaram-se as provas de selecção dos dois representantes que irão defender as cores do colégio na competição nacional.

Estavam inscritos os alunos: **César Sousa**, **João Nolasco** e **Miguel Bengala** do 11º 1B, **Ana Carvalho Reis** do 12º 1A, **Manuel Cabral** do 10º 1B, **Joana Silva** do 10º 1A, **Rita Marques Pinto** e **Diogo Vigário** do 11º 1A e **Patrícia Almeida** do 10º 3.

Ficou em primeiro lugar **Miguel Bengala** (11º1B), em segundo lugar **Rita Marques Pinto** (11º1A) que irão representar o colégio na fase nacional e em 3º **Ana Reis** (12º1A) que ficará como suplente.

A todos os participantes o grupo de filosofia e a escola agradecem o esforço empenhado e entusiasta assim como a boa qualidade dos trabalhos desenvolvidos.

Valsassina recebeu Inspiring Future no dia 4 de março

A Associação Inspirar o Futuro é uma associação juvenil sem fins lucrativos com o objetivo de desenvolver projetos inovadores na área da educação juvenil. Esta associação foi responsável pela apresentação no Valsassina do Inspiring Future, no dia 4 de março.

Durante este dia, decorreu uma Feira de Universidades que contou com a presença de 41 instituições de ensino superior, onde os alunos (sobretudo os finalistas do 12º ano) puderam conhecer melhor várias propostas de cursos universitários. Além disso, decorreram três sessões sobre os temas: Acesso ao Ensino Superior; Study Abroad (sobre estudar no estrangeiro); e “Como sobreviver de salto alto e gravata (dedicada à preparação para o mundo do trabalho).

Todas as informações sobre este projeto estão disponíveis em <http://inspiringfuture.pt/>.

Colégio Valsassina esteve presente na Futurália

Como única agência das Nações Unidas com mandato para trabalhar a Educação, a UNESCO, através da sua Rede das Escolas Associadas, desenvolve projetos em iniciativas e métodos de ensino inovadores, numa perspetiva interdisciplinar e no respeito pela diversidade no contexto de uma cidadania participativa e ativa. Esta Rede, foi lançada em 1953, e conta atualmente com perto de 10.000 estabelecimentos de ensino, em 181 Estados-membros. Em Portugal existem 70 estabelecimentos de ensino, desde o ensino pré-primário, ao ensino secundário, escolas de ensino técnico e profissional, escolas superiores de educação e centros de formação de professores.

A Futurália é um evento dedicado à educação, formação e orientação educativa, que se realizou na FIL, de 11 a 14 de março. Integrado na Rede da UNESCO, três escolas associadas participaram neste evento: Escola Artística António Arroio; Colégio Valsassina e o Agrupamento de Escolas de Carregal do Sal.



Alunos do 5°C apresentaram uma performance na abertura da conferência Bianual de Educação Ambiental da European Association of Zoos and Aquariums

A European Association of Zoos and Aquariums organizou em Lisboa, entre 9 a 12 de Março, a Conferência Bianual de Educação. Esta conferência tem lugar em Lisboa, no SANA Malhoa Hotel, e reuniu vários especialistas em educação ambiental bem como oradores internacionais reconhecidos por inspirarem local e globalmente atitudes e comportamentos a favor da conservação da biodiversidade.

O tema da conferência foi **"The power of behaviour - Inspiring people to act"**, sendo que a Educação Ambiental pela Arte foi um dos temas em destaque. O Jardim Zoológico de Lisboa apresentou um convite ao Colégio Valsassina no sentido de apresentar uma pequena performance na abertura da conferência com um grupo alunos, no dia 10 de março. Os alunos do 5°C desde logo abraçaram este desafio com grande motivação e entusiasmo.

O trabalho desenvolvido envolveu as disciplinas de **Português, Ciências da Natureza, Ed. Visual, Ed. Tecnológica e Ed. Musical**. A coreografia teve a supervisão do **Professor Marcos Souza**, docente do Conservatório de Lisboa.

Os nossos agradecimentos ao Jardim Zoológico de Lisboa por tão interessante desafio.



Alunos do 5ºA e 5ºB participam em encontro com a escritora Ana Maria Magalhães

As turmas **5º A e 5º B** realizaram um encontro com a escritora Ana Maria Magalhães no dia 10 de março, na Biblioteca do Colégio.

Os livros desta autora são sobejamente conhecidos dos alunos destas turmas, que os lêem avidamente à procura de mais e mais aventuras.

Foi uma oportunidade para esclarecer dúvidas, perceber curiosidades acerca das histórias e do processo de escrita dos livros, de partilha de opiniões e apreciações críticas de alguns livros. Uma experiência que ficará na memória dos alunos das turmas envolvidas.



Alunos do 5º C e 5ºD participam em encontro com a escritora Cidália Ferreira Bicho

As turmas **5º C e 5º D** participaram num encontro com a escritora Cidália Ferreira Bicho no dia 12 de março, na Biblioteca do Colégio.

O livro "As Três Fortunas do Lobo Lobão" serviu de ponto de partida para este encontro. Retomando a tradição das fábulas enquanto composição literária em que os animais são as personagens centrais, Cidália Ferreira Bicho conta-nos neste livro 4 histórias. À boa maneira das fábulas, cada história encerra uma lição. Foi uma experiência enriquecedora para os alunos envolvidos.

Alunos do 6º ano participaram num encontro com a escritora Maria João Lopo de Carvalho

No dia 17 de março os alunos do 6º ano receberam a escritora **Maria João Lopo de Carvalho**, autora da Coleção "Os 7 irmãos". Foi uma oportunidade única para conhecer um pouco mais sobre a autora. Este encontro teve o apoio da Oficina do Livro.

Observação do Eclipse do Sol, 20.3.2015

No dia 20 de Março de 2015 ocorreu um eclipse total do Sol que foi visível como eclipse parcial em todo o território português. Foi uma oportunidade para juntar os alunos de todos os ciclos de ensino (incluindo o jardim de infância) e restante comunidade escolar para observar este fenómeno.

aconteceu no desporto...



Equipa Feminina do Valsassina ficou em 2º lugar na Prova Regional do Corta-Mato

No dia 26 de janeiro realizou-se, no Parque da Bela Vista, a fase regional do Corta-Mato do Desporto Escolar.

A equipa feminina do Colégio Valsassina, constituída pelas alunas: **Inês Santos (11º1B)**, **Mafalda Gomes (11º1A)**, **Mariana Carrasco (11º1A)**, **Joana Martinho (11º1B)**, **Joana Silva (10º1A)** e **Rita Pinto (11º1º)** ficou classificada em 2º lugar.

Desportos colectivos, pais e filhos...

Durante a segunda e terceira semana de janeiro, os alunos mais novos praticantes dos desportos coletivos puderam realizar uma aula com os seus pais. Foram aulas de promoção do exercício físico, de partilha inter-geracional, de afectos e sobretudo de muita alegria.

Voleibol - Juniores Masculinos

No dia 31 de janeiro, realizou-se o 2º torneio de Voleibol de Juniores, onde estiveram presentes os alunos/jogadores do Colégio Valsassina, que fazem parte da nossa equipa de voleibol.

Esta equipa é composta por um grupo de alunos, do 11º ano (Juvenis de idade), que para além da parte desportiva/competitiva apresenta uma união, amizade e espírito de equipa excepcional. Participaram os jogadores: **Artur Fortunato**, **Carlos Fernandes**, **Joana Martinho**, **João Pedro Rosa**, **Mariana Almeida**, **Mariana Montalvão**, **Miguel Bengala**, **Tiago Bao Wang**, **Tomás Caldeira** e **Wang Zi Ying**.

O torneio contou com a presença das equipas que participam no campeonato distrital de Lisboa, tendo a equipa do colégio revelado um excelente desempenho, vencendo os 3 jogos realizados, contra a Esc. Sec. Camões, a Esc. Sec. Eça Queirós e a Esc. Sec. António Damásio.

Voleibol - Infantis B Masculinos

No sábado, dia 7 de fevereiro, realizou-se no Pavilhão Desportivo Municipal do Casal Vistoso (Olaíais), o 2º torneio de Voleibol de Infantis B masculinos, onde estiveram presentes os alunos/jogadores do Colégio Valsassina, que fazem parte do grupo/equipa de voleibol de infantis.

O torneio contou com a presença das equipas que participam no campeonato distrital de Lisboa, tendo as equipas (A e B) do colégio revelado um excelente desempenho, em que após terem vencido as respetivas séries (só com vitórias), jogaram a final (CV - A x CV - B = 41 - 27). Os jogos e o convívio entre as equipas foram um sucesso, presenciado pelos Pais e Familiares que nos acompanharam durante toda a manhã, assistindo aos vários jogos.

Voleibol - Iniciados Masculinos

Realizou-se no dia 28 de fevereiro, na Esc. Sec. D. Pedro V, o 3º torneio de Voleibol de Iniciados, onde estiveram presentes os alunos/jogadores do Colégio Valsassina, que fazem parte da nossa equipa de voleibol de iniciados.

Participaram os jogadores: **Alexandre Marques**, **Bruno Calado**, **Duarte Almeida**, **Francisco Costa**, **Guilherme Castelo Branco**, **Guilherme Silveira**, **Manuel Sebastião Trigo**, **Manuel Sousa**, **Miguel Pinheiro**, **Nuno Marques**, **Pedro Branco** e **Rodrigo Mota Carmo**. O **João Diogo Gomes**, apesar de lesionado, também compareceu para estar com a equipa.

O torneio contou com a presença das equipas que participam no campeonato distrital de Lisboa, tendo a equipa do colégio revelado um excelente desempenho, vencendo os 3 jogos realizados, contra a Esc. Básica 2,3 Bairro Padre Cruz, a Esc. Sec. Caneças e a Esc. B. e Sec. Filipa Lencastre.

Voleibol - Infantis B Masculinos, 3º torneio

Realizou-se no sábado, dia 7 de março, no colégio Pedro Arrupe, o 3º torneio de Voleibol de Infantis B masculinos, onde estiveram presentes os alunos/jogadores do Colégio Valsassina, que fazem parte da equipa de voleibol de infantis.

O torneio contou com a presença das equipas que participam no campeonato distrital de Lisboa, tendo as equipas (A e B) do colégio revelado um excelente desempenho, em que após terem vencido as respetivas séries (só com vitórias), jogaram a final (CV - A x CV - B = 41 - 26).

Os jogos e o convívio entre as equipas foram um sucesso, presenciado pelos Pais e Familiares que nos acompanharam durante toda a manhã, assistindo aos vários jogos.

Vai acontecer... **Abril**

- Dias da Filosofia
- Semana Verde
- Conferência com o cientista David Marçal
- Dia Internacional Eco-Escolas
- Recepção de um grupo de professores das Escolas UNESCO do Brasil

Maio

- Semana da Informática
- Semana da Música
- Missa de Finalistas
- Jantar de Finalistas

Junho

- Um Dia na Escola
- Concerto da Primavera
- Primeira Comunhão
- Alunos em ação na sua “Primeira experiência no mundo do trabalho”

Julho

- Atividades de Tempos Livres

Blogues do Valsassina

Acompanhe na blogosfera algumas das atividades do Colégio Valsassina

● **Arte na Escola**

“Arte na escola” é um espaço onde se pretende divulgar e dar a conhecer as atividades realizadas nas disciplinas de vertente artísticas no Colégio Valsassina, desde o 1º Ciclo até ao Ensino Secundário: <http://www.evtvalsassina.blogspot.pt>

● **Educação Ambiental e Educação para o Desenvolvimento Sustentável**

Atividades do projeto ecoValsassina: <http://geracaoecovalsassina.blogspot.pt/>

● **Ciência, ensino experimental, projetos de investigação dos alunos**

<http://biovalsassina.blogspot.pt/>

● **Combater as alterações climáticas numa Low Carbon School**

<http://co2amaís.blogspot.pt/>

● **Cultura, literatura, escrita**

<http://15menosumquarto.blogspot.pt/>

<http://os20versosdavalssa.blogspot.pt/>

● **Evocação do centenário da I Grande Guerra**

<http://omaiormuseudomundo.blogspot.pt/>

“A edição da Gazeta Valsassina envolve o uso de um recurso natural que vem das árvores, o consumo de energia para produzir o papel, imprimi-lo e transportá-lo, liberta gases com efeito de estufa responsáveis pelo aquecimento global. Assumindo-nos como uma Low Carbon School compensamos as emissões que não conseguimos evitar. A Gazeta Valsassina é carbonfree – livre de emissões de carbono.”



